



13

Patricia Gonçalves Tenório



PATRICIA GONÇALVES TENÓRIO



1ª edição

Recife  
Editora Raio de Sol  
2019

*Copyright* ©

Patricia Gonçalves Tenório, 2019

Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica: Jaíne Cintra

Revisão: Ana Lucia Gusmão e Sandra Freitas

### **Catálogo na fonte**

Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco

T312t Tenório, Patrícia, 1969-  
13 / Patrícia Gonçalves Tenório ; apresentação  
Bernardo Bueno. – Recife : Editora Raio de Sol, 2019.  
96p. : il.

Inclui referências.

ISBN 978-85-94339-02-7

1. FICÇÃO BRASILEIRA – PERNAMBUCO.

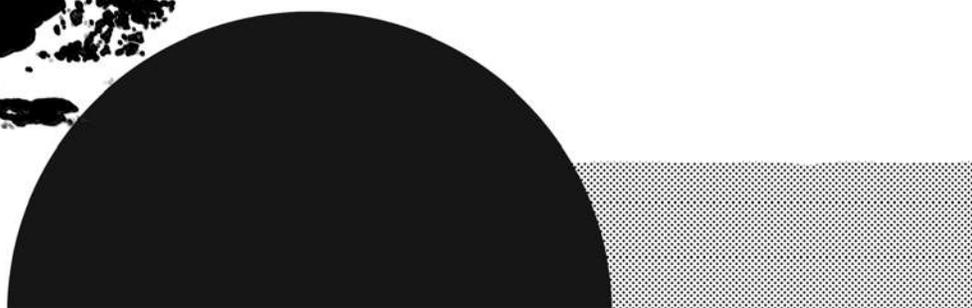
2. CONTOS BRASILEIROS – PERNAMBUCO. I.

Bueno, Bernardo. II. Título.

CDU 869.0(81)-3

CDD B869.3

PeR – BPE 19-276



*G o -  
s t a r -  
i a*

*d e u m*

*m a f u n*

*m e n t a l*

*r u i m*

*s p o n d e*



cli -

da -

lmente

re -

e u .

*– Gostaria de um clima fundamentalmente ruim – respondeu. – Acredito que se poderia escrever melhor num clima rigoroso. Se houvesse muito vento e muitas tempestades, por exemplo...*

Helmholtz Watson  
em *Admirável mundo novo*, de  
Aldous Huxley

# *S u m á r i o*

**(QUASE) UM CONTO POR**

**DIA**

11

**O CARRO**

13

**NO SEU NOME**

18

**UM CONTO DE NOVEMBRO**

20

**A ESPERA**

22

**O SALÃO**

24

**O CINE DA ESQUINA**

26

**HORÓSCOPO**

28

**O POEMA**

30

**OCASO**

32

**O SEQUESTRO**

34

**MATERNAL**

36

**IMACULADA**

38

**O ASTRONAUTA**

40

**NO SUPERMERCADO**

42

**NO CINEMA**

43

**METEOROLOGIA**

44

**MELANCOLIA**

46

**AS TRÊS MADRINHAS**

47

**A ILHA**

48

**(DES)ARMAMENTO**

49

**VINTE E SETE**

50

**A BAILARINA**

52

**O BEIJO**

54

**O EXERCÍCIO**

55

**LOUCURA**

57

**CONFRATERNIZAÇÃO**

59

**NUCA**

61

**FILME**

62

**DINHEIRO**

64





**ARRUMAÇÃO**

66

**ESTUPRO**

68

**CORRIDA**

69

**NASCIMENTO**

70

**VOCÊ**

71

**BAOBÁ**

72

**MÚTIPLA**

73

**SILÊNCIO**

75

**ANTIGAMENTE**

77

**ASSALTO**

78

**PESCARIA**

79

**ESPÍRITO**

81

**AZUL**

83

**CASAMENTO**

84

**A LISTA**

86

**O SONHO**

87

**GUEIXA**

88

**TERRA**

89

**ÁGUA**

90

**FOGO**

91

**AR**

92

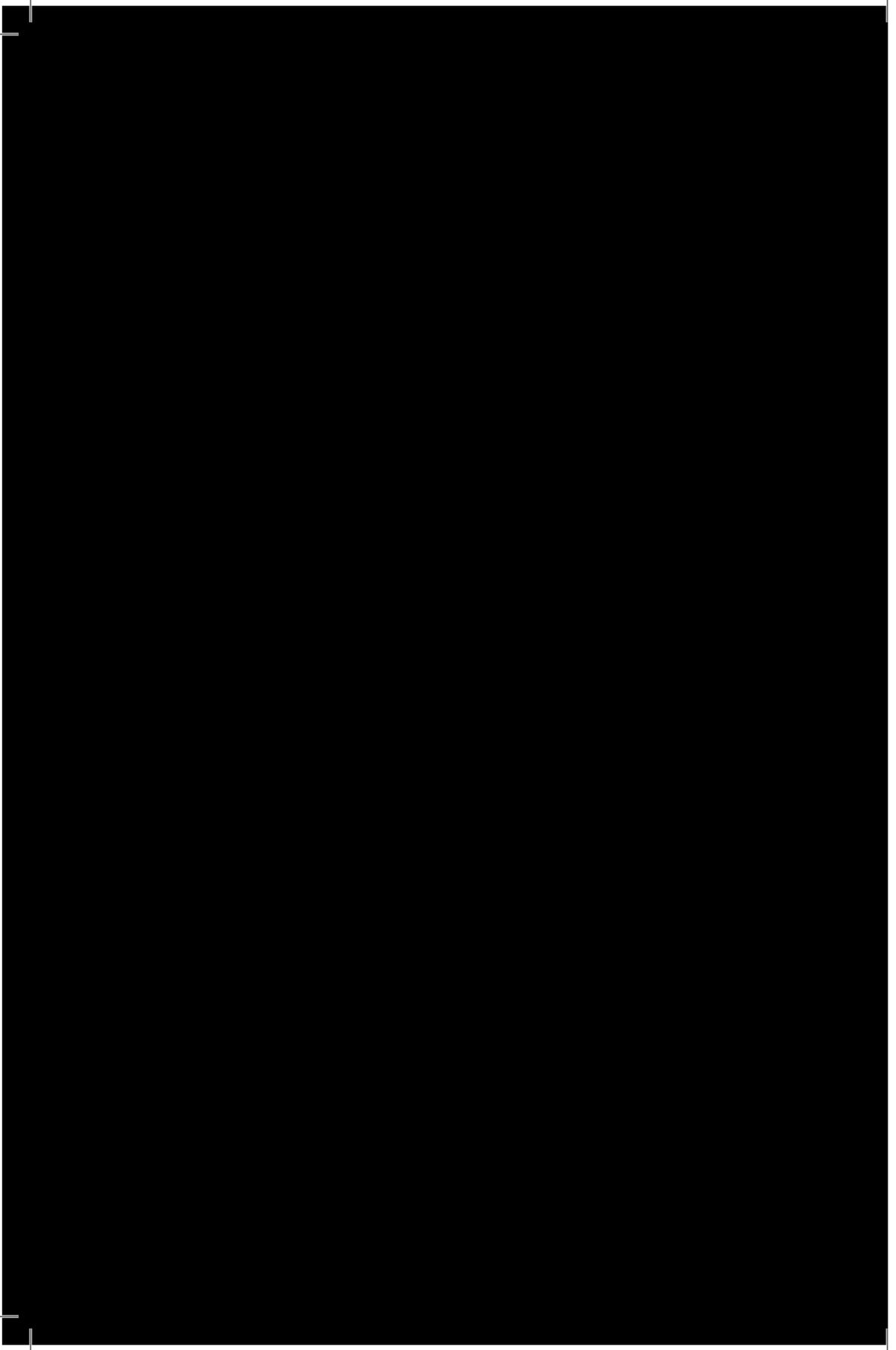
## (Quase) Um conto por dia

Em 2019 faço cinquenta anos. Novembro. Dia vinte e um. Parece que foi ontem quando escrevi meu primeiro texto – uma crônica. Chama-se “Lentes cor-de-rosa”, que, pelo título e pelo tema, revelam o tom fantasioso do início da minha escrita em 2004.

Quinze anos depois revejo meus contos, poemas e ensaios. Refaço o caminho para lembrar de mim, para não perder o deslumbramento dos primeiros textos. O medo de engessar, que muitos amigos me alertaram, quando entrei na universidade em 2013, preparando-me para o mestrado em Teoria da Literatura e até mesmo para o doutorado em Escrita Criativa em 2016, não aconteceu. Apesar do crescimento da poesia no meu processo criativo – o que considero compatível com o ato da escrita de ensaios teóricos ou textos ficcionais mais longos –, volto ao conto, o gênero em que mais me sinto à vontade, de maneira desafiadora e inusitada.

Explico. No livro de ensaios *Romancista como vocação*, Haruki Murakami afirma que o romancista aguenta escrever por muito tempo – dias, meses, até anos – uma mesma história, enquanto o contista não aguenta limpar a mente seguidas vezes e escrever um breve conto, ou mesmo, como no caso do presente livro, dois, três, chegando até quatro breves contos por dia.

Aceitando o desafio de Murakami, aliado à imposição de obstáculos que Umberto Eco sugere potencializar a escrita em “O pós-escrito a *O nome da rosa*”, impus-me a missão de escrever cinquenta breves contos, (quase) um conto por dia, durante um mês, e com isso realizar o credo de Ariano Suassuna, quando, em *Iniciação à estética*, afirma que é preciso as três instâncias da criação – a forma ou intuição criadora, a técnica ou estudo contínuo, o ofício ou trabalho diário – para se escrever uma obra de arte.



# O CARRO<sup>1</sup>

20/11/2018

Na mesa ao lado, uma moça, cabelos cacheados e curtos, rosto vermelho queimado de sol, lê um livro que não consigo ver a capa direito, mas parece que é *Americanah*, de Chimamanda Ngozi Adichie. A moça folheia as últimas páginas como se o mundo acabasse no próximo segundo.

Olho a tela do celular. A agência de turismo avisa do passeio de amanhã. Que eu leve um boné. Use protetor solar 50. Vá com uma camisa de malha clara por cima da sunga.

O garçom atende a moça que lê. Ela pergunta o que ele sugere de sobremesa, e olham ao mesmo tempo para o meu prato que acaba de chegar.

Uma mulher vestida de branco observa a cena. Ela escreve num caderno de papel pautado. Levanta o rosto e diz:

– Desculpe perguntar, mas qual é o crepe que o senhor está comendo?

\*

A mulher vestida de branco não sabe que meu nome é Ivan, tenho vinte e sete anos e sou de Goiás. Que vim sozinho do aeroporto de Recife para cá, dirigindo um carro alugado.

Gosto de viajar só. Ligar o carro, sintonizar a rádio e deixar qualquer música se unir à paisagem na minha cabeça, e me levar para outro tempo, outra estrada.

\*

---

<sup>1</sup> Baseados em histórias reais. Mas o que não?

O carro só vai para onde eu quiser. Talvez, quando inventarem uma máquina que não precise da direção humana, a máquina nos engane e leve para outro lugar.

Por enquanto, vim de Recife para Maracáipe da maneira antiga, usando um mapa de papel que havia comprado com muita antecedência. Pesquisando as rotas. Determinando os caminhos. Desbravando os coqueirais de Maracáipe, o espelho-d'água na areia da praia de Maracáipe, as folhas de cajueiro se misturando com as conchinhas no espelho-d'água.

\*

A moça de cabelos encaracolados olha para mim, o garçom olha para mim, depois da pergunta da mulher vestida de branco.

– É um crepe de chocolate, banana e coco ralado.

Eu poderia ter ficado em silêncio. Poderia ter ignorado a pergunta estranha da mulher de branco, mas o olhar desconcertante da moça encaracolada me fez arriscar aquela resposta.

A conversa inicia. De onde são? O presente e o passado. O futuro não interessa agora, porque está sendo construído no exato momento em que se escreve esta história.

\*

A viagem de carro mais antiga de que me lembro foi para Minas Gerais. Meu irmão e minha irmã ainda não eram nascidos, e meu pai, ainda casado com minha mãe. Visitamos a casa de Guimarães Rosa em Cordisburgo, de quem mamãe tanto falava nas aulas de literatura. Lá na casa havia os miguilins – adolescentes entre treze e vinte anos –, e eles contavam histórias de Guimarães como se fossem seus personagens.

Era o chamado Circuito de Guimarães Rosa. No caminho, entre uma cidade e outra, eu via os cupinzeiros feitos de barro vermelho. E eram tantos, e eram grandes. Eu perguntava para papai por que eles eram assim tão grandes, e ele respondia, lá na direção do carro, que os cupins eram os maiores construtores do mundo dos insetos. E continuava a ex-

plicação com os aracnídeos (das aranhas), os lepidópteros (das borboletas), até chegar aos isópteros (dos cupins). Mamãe fez cara de enjoo.

\*

Não tive muitos relacionamentos. Uma namoradinha de escola. Outra de faculdade. Mas a da pós-graduação foi a mais difícil.

Valquíria era muito engajada. Participava dos comitês feministas, preparava passeatas, convencia colegas de turma, desafiava autoridades.

Mas nunca me chamou para comer um crepe de gosto igual na mesma mesa, depois de ter acabado de ler pela primeira vez Chimamanda Ngozi Adichie.

\*

– Sou de São Paulo.

Ela diz.

Eu respondo:

– Sou de Goiás.

– Mas é São Paulo capital.

– Mas é Goiânia de Goiás.

Ela parece não entender minha ironia.

– Gosta daqui?

– É a primeira vez que venho. Vou sempre para o Rio.

– Gosta do Rio?

\*

Lembro a viagem para Paraty. Do Rio de Janeiro até lá são umas três horas de carro, várias curvas, belas paisagens.

A música do Tears for Fears. O álbum, Seeds of Love. As linhas da estrada haviam sido recentemente pintadas, de tão amarelas. E havia muitas linhas amarelas, quase nenhuma linha pontilhada branca que permitisse a ultrapassagem. O carro: Logan prata de marcha manual.

Em Paraty, as pedras pé de moleque pela cidade quase faziam torcer o pé, mesmo usando tênis de corrida.

Corro sempre. E muito. Mas somente quando estou a pé, nunca de carro. Correr me ajuda a manter a forma, a clarear as ideias, escrever o texto, contar minha história, não importa se boa ou ruim.

\*

– Meu nome é Yeda. E o seu?

Ivan. Vinte e sete anos, eu já disse para o leitor.

– Então é a primeira vez em Porto de Galinhas?

– Sim, a primeira vez, mas estou hospedado aqui perto, em Maracaípe. Nas outras férias ia sempre a Paraty, no Rio de Janeiro. E você?

– Vim aqui pela primeira vez com meus pais. Eles são mente aberta, e gostaram mais daqui do que de Recife.

Recife com suas histórias. Os nomes das ruas, o bairro de Casa Amarela, pois eram assim que as casas eram nomeadas, não pelo número, mas pela cor da habitação.

No Marco Zero, dá para ver o parque das esculturas de Francisco Brennand, e as seis musas, das quais falta a cabeça de uma, pois representam os cinco séculos do descobrimento do Brasil, o sexto século ainda falta finalizar para a estátua ganhar a própria cabeça.

\*

Leda foi rainha de Esparta e era filha de Téstio e Demonice. Casada com o rei Tíndaro, foi seduzida por Zeus em forma de cisne, e por isso chocou dois ovos, Helena e Pólux.

A Yeda da minha frente parece saber a história do seu quase nome, pensando-se deusa grega, porque ignora a mulher vestida de branco, o garçom com lenço preto na cabeça, e me chama para conhecer o hotel onde está hospedada no centro de Porto de Galinhas.

\*

Uma vez íamos a Orlando, mamãe, minha avó, meus dois irmãos e eu. Era a primeira vez que saíamos do Brasil. Eu, acostumado com as estradas brasileiras, cheias do eco da voz de meu pai, que nos abando-

nou fazia pouco tempo, nos dirigimos aos EUA como se fôssemos turistas filisteus. Eu, um Sansão de cabelos longos da puberdade, sentado no terceiro banco, lá atrás, de uma espécie de Caravan com laterais de madeira, meus irmãos no banco do meio, mamãe dirigindo no banco da frente, e, ao lado, a minha avó.

Um caminhão de oito rodas passou rapidamente na faixa do meio. Mamãe, na faixa da esquerda, aquela indicada para carros de mais de três passageiros e velocidade média para alta, mamãe vacilou na passagem rápida do caminhão. Para evitar sermos puxados pelo vácuo para debaixo das oito rodas, virou a direção para o acostamento de grama, capotamos umas três vezes e perdemos a consciência um pouco depois da capotagem, instantes depois de mamãe brigar comigo porque eu não queria – e acabei querendo – afivelar o cinto de segurança.

\*

A porta do quarto de Yeda.

O carro se transforma em Fusca, de tão amassado.

A cama larga da pousada.

Um rapaz americano me retira do meio das ferragens.

O corpo nu de Yeda.

A ambulância me leva ao pronto-socorro.

Meu corpo agora nu.

O olho direito quase fechado pelo hematoma. Mamãe vestida de branco não está lá para dizer: “Abra o olho, meu filho!”, mesmo que eu não enxergue mais nada, mesmo que eu não entenda que eles todos morreram queimados no carro em chamas, enquanto penetro os cantos secretos do corpo de Yeda como se fosse um cisne desmesurado.

# NO SEU NOME

24/11/2018

Sempre admirei a bela adormecida. Não por ser bela, nem filha de rei e rainha, nem ao menos por se chamar Aurora. Mas por dormir.

Dormir cem anos, cem noites, cem horas. Sem hora para levantar da cama com todo o esforço do mundo, fazer o café, levar as crianças ao colégio, ir para o hospital.

Não quero me levantar desde que ele foi embora de casa. Desde que eu soube da outra família, outra esposa e duas crianças pequenas, um menino e uma menina.

Parece que foi ontem que nos conhecemos. Na escadaria da faculdade. Eu sempre chegava mais cedo, direto do estágio no Hospital dos Estrangeiros, ele que era um estrangeiro na minha cidade natal. Cabelos lisos, pretos. Pele morena. Bigode curto.

Sentada na escadaria da faculdade, estudando para a prova de Neurologia, não percebi os sapatos mocassim marrom-escuro, as calças jeans, o jaleco de professor se aproximando. Perguntou onde era a sala tal. Ajeitei os óculos e olhei para cima. É virando à esquerda, terceira sala à direita. Ele acenou com os olhos e deu um sorrizinho com o bigode curto.

Por anos eu me lembraria daquele sorriso, de ele chegar todos os dias no mesmo horário a partir de então, fazer qualquer pergunta, e eu dar qualquer resposta, só para começarmos a conversação, só para iniciarmos o namoro, que deu em casamento na igreja Madre de Deus, dois filhos e um apartamento no bloco B do bairro da Torre.

Todos os dias levanto no mesmo horário, apenas para pensar que dormi, apenas para enxergar as olheiras cada vez maiores, que os corretivos de maquiagem não conseguem mais apagar.

Frito ovos, pão assado, café coado tem de ser com o leite frio para Rute e Daniel não queimarem a língua, apesar de pouco falarem, apesar de não falarem mais nada desde que viram o pai sair de casa ao encontro da outra mulher.

Como seria a minha vida se eu fosse a outra mulher? Por isso a caneta e o papel escrevendo esta história. Imagino que seja bela, e interessante, e tirou notas altas nas aulas de anatomia – ele também foi seu professor. Conheceram-se na mesma Faculdade de Medicina, quem sabe numa escadaria, quem sabe perdeu a virgindade no banco traseiro do Chevette vermelho?

As crianças são da mesma idade que Rute e Daniel. Então engravidamos ao mesmo tempo, parimos ao mesmo tempo, e quem sabe transamos em uma cama com o mesmo homem, sem nos apercebermos da presença uma da outra.

Como será o corpo de Mirela? Mais magro que o meu, os seios mais firmes, cintura mais fina, as pernas roliças? O sexo. O sexo entumescido com a língua dele desbravando a floresta dos pelos pubianos, abrindo espaço para o pênis penetrar uma, duas, milhões de vezes, até ela ver estrelinhas e adormecer gostoso no peito cansado dele ao lado.

No meu peito cansado ao lado? Mirela olharia para mim feito uma estranha, mas, assim que descansasse um pouco do gozo eterno, abriria as minhas pernas, sorveria o líquido que dá vida a meninos e meninas, e começaria tudo de novo, e descobriria a origem do mundo do meu sexo em extinção, sexo que só me lembro à noite, quando chego em casa com as crianças da escola, dou banho, jantar, e cama, penso que irei dormir, e tapo o rosto com o travesseiro para gritar e não ser ouvida, gozar e não me expor, sonhar e ainda estar acordada.

# UM CONTO DE NOVEMBRO

27/11/2018

Poly saiu de casa triste e cansada. Não aguentava mais ser maltratada pela família.

Saiu pelas ruas da cidade sem rumo ou destino. Qualquer lugar seria melhor que a sua casa, sem puxões de orelha, chutes nos quadris, cárcere num canto escuro, racionamento de água e alimento.

As ruas estavam escuras naquela hora do dia. Apesar de novembro, sempre vem uma chuva antes do verão, antes que o sol queime o corpo inteiro, abrindo feridas no pelo das costas ou no dorso.

Andou, andou, e quando pensava que não aguentaria mais, andava mais um pouquinho. E mais um pouco, até ouvir uma música de piano.

Atravessou a rua e parou na frente de um edifício iluminado com pisca-pisca de Natal. Na guarita, o porteiro não estava, ou havia ido ao banheiro, ou estava conversando com Mariana do quinto andar.

Foi para o hall social. O elevador estava aberto, e conseguiu apertar qualquer número. Eram dois apartamentos por andar. Escolheu o da esquerda, porque possuía uma guirlanda feita de jujubas coloridas, e a porta estava semiaberta.

Entrou. Esperou que alguém aparecesse e a acolhesse com as boas-vindas, ou a colocasse para fora – seria o teste final. O som do piano, e nunca ouvira aquela música na casa da família antiga.

Tomou a liberdade de se sentar. Fechou os olhos e foi apreciando aquela música, e foi viajando naquela música para um lugar imaginado.

Todos eram bem tratados naquele lugar, e as famílias eram unidas e carinhosas. Não havia cantos escuros, nem racionamento de água e alimento.

Podia passear livre, e tinha muitos amigos. Uns eram iguais a ela na personalidade libertária, outros, diferentes, mas aceitavam o jeito de cada um ser.

Abriu os olhos. A música havia parado há alguns instantes, mas não percebera. Na sua frente, três seres belos e surpresos com a presença de Poly apreciando o “Noite Feliz” que ensaiavam para a apresentação de fim de ano da escola.

O sol se põe no exato momento em que o menino mais novo sai de perto da irmã e da mãe, aproxima-se de Poly e alisa a cabeça, o pescoço, embaixo da boca e do focinho.

# A ESPERA

28/11/2018

A sala de espera do consultório odontológico estava lotada. Jovens, velhos, adultos, crianças, pretos, brancos, homens, mulheres.

Eu aguardava a minha vez; nem ao menos trouxera um livro para ler ou um caderno para escrever sobre cada um daqueles personagens.

“Tentarei guardar na memória”, pensei, enquanto observava cada um em seu lugar.

A criança que chorava porque a roda do carrinho se quebrou.

A moça que não parava de esfregar os dedos demonstrando ansiedade.

O casal de velhinhos que assistia a um programa qualquer na televisão.

Um homem que olhava para mim.

O homem não parecia nada, não demonstrava nada, somente me olhava diretamente e sem parar. Ele não baixava os olhos quando eu o encarava, eu que me sentia incomodada, e olhava para outra pessoa. Mudava de personagem.

Mas sentia o olhar do homem como se queimasse a minha pele, como se me convertesse numa Alice diminuta do país das maravilhas, quando come o biscoito ou bebe o conteúdo do vidrinho e muda de tamanho para passar pela porta pequenina.

Meu dente dói agora e me fixo no presente. O tempo do passado, desde que cheguei ao consultório odontológico, parece que não existe mais. Ou, se existe, encontra-se nas poucas cadeiras vazias que, para a minha percepção, se apresentam.

Alguns pacientes já foram atendidos, em breve será a minha vez. Percebo que não gosto de ficar esperando, não sei se por causa da dor de dente, não sei se por causa do homem que não para de me olhar.

Resolvo encará-lo novamente. Ele é alto, uns quarenta e poucos anos, barba, alguns quilos acima do peso.

Acima de que peso? De Felipe, Luís, André ou Marcos? Ou de Maria, Letícia, Sônia ou Flávia?

Lembro cada uma de nossas histórias como se fosse hoje, como se eles estivessem comigo na sala de espera. Alguns, nunca mais encontrei, ou falei, depois de nossos relacionamentos amorosos.

Mas de outros, ah, de outros tenho saudades, o toque das mãos em meu corpo, as línguas lambendo os seios e os sexos. E as conversas em meio a tudo isso. E os silêncios também.

O homem não me diz nada, mas fala tudo com o olhar. Que sabe quem eu sou. Conhece os meus fracassos. Descobre, apenas com o olhar, que abandono as pessoas quando me sinto empolgada, ou dou um jeito para elas me abandonarem.

Estou nua em pleno consultório odontológico, e ninguém pode me proteger, e ninguém irá me acolher com um abraço, consolando-me de que um dia ele irá voltar, que papai me ama, e o problema é com ela, mamãe, que me balança no colo para eu parar de chorar, conserta a roda do meu carrinho, acalma as minhas mãos ansiosas, desliga a televisão para que se possa conversar, e me chama para a sala do dentista, para ser atendida, para perder o siso, dente do juízo.

# O SALÃO

29/11/2018

Conheci primeiro Magali. Ela faz as unhas muito bem. Luciana veio em seguida, mas não tão em seguida assim, foi quase ao mesmo tempo.

Luciana hidrata e escova os meus cabelos. Mas não os corta. Quem os corta é Gibson.

Esqueci-me de dizer: conheci Gibson antes de todas, na época em que éramos strippers na boate da Rio Branco. Chegávamos lá umas cinco da tarde, e só saíamos no outro dia pela manhã.

Tirávamos a roupa todos os dias, exceto nos dias santos, pois nossa religião não permite. E fazíamos programas, com homens, mulheres, uma vez fizemos com um anão.

Havia drags na boate, de uma delas eu gostava muito. Chamávamos de Freddie Mercury, por causa dos dentes para frente, e por cantar “We are the Champions” na hora que nos maquiávamos.

Um dia, Freddie me apresentou Maurício, um amigo do cliente dele. Maurício era de uma família rica da sociedade pernambucana, ele ainda era virgem.

Ensinei todos os segredos do sexo, expandi os horizontes do menino, que se fez homem em minhas mãos. Ele me convidava para tomar um sorvete no Recife Antigo, conhecer os amigos, pai, mãe e irmãs.

E depois o casamento na igreja da Madre de Deus, com direito a pegarmos, por cem metros apenas, um ônibus para o bairro de Casa Amarela, só para fugirmos dos amigos que invadiram o nosso carro que estava cheio de latinhas e fitas brancas de recém-casados.

Hoje moro na avenida Boa Viagem, três filhos, motorista, secretárias domésticas e um yorkshire chamado Larry. E faço as unhas com Magali

– que resolveu pintá-las de vermelho –, escovo os cabelos com Luciana  
– que capricha nos meus cachos longos –, só para lembrarmos os velhos  
tempos em que me chamavam de Pink, a Cinderela do Recife.

# O CINE DA ESQUINA

30/11/2018

Fernando marcou com a amiga de assistirem ao Festival de Curtas LGBT no cinema São Luiz.

Está atrasado. Daqui a uns instantes perderá a carteira ou será roubado na correria para tentar pegar o ônibus para o centro do Recife.

Mas ainda não.

Ele ainda fala por WhatsApp com a amiga que se chama Fabiana.

Conheceu Fabiana quando era menino, e não sabia ainda que um dia gostaria de meninas. Fabiana lhe deu o primeiro beijo na boca, abaixou a calcinha e mostrou o sexo cor-de-rosa. Deixou apalpar os seios nascentes e lá embaixo algo se imobilizou.

Mas o pai de Fabiana foi transferido de cidade e foram morar em Macapá. Fernando, sozinho com os amigos meninos, nunca mais sentiu por meninas o que sentiu por Fabiana.

Namorou Tiago, Felipe e José. Foi espancado pelo pai quando este descobriu. Pediu proteção à madrinha viúva, que o acolheu com uma condição: estudar psicologia para um dia tentar resolver aquele problema.

Fabiana demorou a voltar, e voltou com os cabelos rastafári e as axilas por fazer. Tomava banho uma vez por semana, e namorava meninas.

Enquanto fala por mensagens de celular com Fabiana, Fernando não sabe ainda que perderá a carteira ou será roubado. Ele sente uma alegria nova ao falar com sua amiga, depois desses anos todos morando em Macapá. Ele ainda não sabe que agora ela gosta de meninas, e que não tem problema algum os dois assistirem juntos ao Festival de Curtas LGBT, mesmo de mãos dadas, mesmo que ela lhe dê um beijo de língua, e deixe-o apalpar os seios maduros, só para lembrar os velhos

tempos, e lá embaixo algo agora se mobilizaria, algo muito grande cresceria entre os dois, a ponto de fazer meninos e meninas, e as meninas andarem mais cedo por causa do calor da cidade, que amadurece mais rápido a espécie, e Fernando acalantar no colo Ana Carolzinha, enquanto Fabiana não chega do trabalho no Museu de Arte Moderna, que fica mais ou menos próximo à esquina do cinema São Luiz.

# HORÓSCOPO

30/11/2018

No berçário da maternidade, o bebê número 727 afirma para o 728:

– Seu signo será melhor do que o meu.

– Como você sabe?

– Pela hora do nascimento, eu serei Escorpião, com ascendente em Capricórnio e lua em Áries.

– E o meu?

– Será Sagitário com ascendente em Peixes, que é o signo mais evoluído do Zodíaco. A lua em Câncer pode vir a dar trabalho.

– Por quê?

– Por que o seu ou Por que o meu?

– Primeiro o seu.

– Ser Escorpião por si só é péssimo, porque é muito rancoroso, não esquece uma mágoa jamais, é impulsivo, e juntando com Áries na lua vai dar numa bomba atômica. O que salva é o ascendente, Capricórnio, pé no chão, racional – mas só começa a funcionar aos vinte e cinco anos.

– E eu?

– Você?

– Sim!

– Bem, nascer sob o signo de Sagitário lhe dá as vantagens da energia do fogo, sendo menos impulsivo do que Áries, que também é fogo. E o ascendente em Peixes é o ápice da evolução. Só tenha cuidado com a lua em Câncer, porque é um signo da água, assim como Escorpião.

– Qual é a diferença?

– Os signos são regidos pelos quatro elementos: terra, água, fogo e ar. Como disse, Sagitário é fogo, Câncer é água, assim como Peixes, mas é pior.

- Por que Câncer é pior do que Peixes, sendo os dois de água?
- Peixes é água do mar, então não tem limites nem margens definidas. Escorpião é água do rio, flui tranquilo, é flexível, desvia quando encontra uma pedra no caminho, e tem as margens bem certinhas. Mas Câncer...
- Sim... Câncer?
- É água do lago, profundo e sem saída, tem margens até demais, e por vezes pode mergulhar e não subir de volta.
- Então... O que serei? Artista?
- Pode ser. Ou ter loucura.
- Ter loucura?
- Sim, como naquela placa do Museu do Inconsciente, lá no Rio de Janeiro, no Engenho de Dentro, onde a psiquiatra Nise da Silveira trabalhou: “O artista é aquele que vai e volta. O louco é aquele que vai, mas não volta.”
- Ai, que horror! Tomara que eu seja artista!
- Tomara mesmo... Mas agora vamos ficar quietinhos, pois lá vem a enfermeira e pode confundir os berços e nos trocar de mães.

# O POEMA

01/12/2018

Luisa não sabe por que todos a detestam na sala do oitavo ano. Até Gustavo passou por ela e virou o rosto, antes da aula de Biologia.

Ela faz as tarefas bem certinho, antes de a professora pedir, e os trabalhos são impecáveis.

Não sai de casa na semana de provas só para tirar nota dez em Física, Química e Matemática.

Uma vez, Clarissa, a menina mais popular do colégio, pediu-lhe o caderno de anotações emprestado – o famoso caderno de anotações, onde escreve em letra de forma tudo o que os professores dizem ou ensinam no quadro-negro. Naturalmente, não emprestou, mas com isso desperdiçou aquela oportunidade única.

Depois, não adiantou tentar consertar o vaso quebrado, ou melhor, o caderno não emprestado para a menina mais popular e bonita da escola.

Não que Luisa seja feia. Ela é bonita, mas bastante descuidada. Ela é, o que disse o professor de Literatura, quatro dos cinco elementos impossíveis de se encontrar na mesma pessoa: bonita, rica, inteligente e boa. Só não é simpática, e aí seria A impossível.

Às vezes, quando deixa de emprestar cadernos, por exemplo, Luisa não se sente uma pessoa boa. Muito menos inteligente, por haver desperdiçado a oportunidade única, que a faria entrar no Clube dos Privilegiados, daqueles sempre chamados para as festas, e para serem oradores de formatura, e capas do jornal da escola no dia do aniversário.

O aniversário... Quinze anos... E não sabe quem chamar, as quatorze amigas que irão, com ela, puxar as fitinhas ao redor do bolo, onde a cruz é para ser freira, o dedal, para ser tia, a aliança, se casar. E com o príncipe dos sonhos.

Luisa e o príncipe. Tom Hanks. Não aquele “Forrest Gump” anos depois, nem o de “Philadelphia” anos e anos adiante. Mas o de “Big”, “Quero ser grande”, que assistiu aos treze anos no VHS de casa, antes mesmo de estrear no cinema. O pai, por causa das notas boas, presenteou-lhe com um VHS para colocar no próprio quarto.

Mas para assistir com quem? Sozinha? Pensou um dia em chamar Gustavo – que se parece com Tom Hanks –, mas ele virou o rosto quando ela tentou falar com ele, antes da aula de Biologia.

Tentou.

Mas não muito.

Não o suficiente, pois Clarissa falou primeiro com Gustavo, e agora eles estão namorando, na frente de todo mundo, no pátio da escola, na hora do recreio.

Parou o mundo.

Recolheu-se.

E compra um caderno capa dura, cor-de-rosa, papel pautado, e começa a escrever um poema, em letra cursiva, para você ler um dia.

# OCASO

01/12/2018

Deixaram dona Elisa na varanda do Asilo de Velhinhos e ela ainda se encontra lá.

O vento está suave, uma brisa quente assanhando os cabelos brancinhos.

Ela não escuta muito, mas enxerga muito bem. E por isso vê os filhos dos outros pacientes entrarem, os netos e bisnetos procurando a bisavó, ou o avô querido, ou a mãe de quem não se esqueceram.

– Hoje é dia de Natal.

Ela fala para si, no auge dos noventa e dois anos. Nem ao menos um parente se lembrou de visitá-la.

Mas não está triste. Ao contrário. Sente o prazer de tarefa cumprida, mesmo que ninguém a reconheça com um buquê de flores ou uma lata de biscoitos.

Lembra o dia em que conhece Fabrício, o motorista do pai, e com Fabrício dá o primeiro beijo atrás do Rolls-Royce prateado, mesmo tendo sido prometida em casamento. O marido nunca soube da traição antes do tempo, mas aquilo lhe deu forças para os quatro filhos parir, da profissão de professora desistir e viver uma vida inteira só para eles.

Um dia, antes de entrar para o asilo, encontra Fabrício em um supermercado. Ela insiste em fazer as compras semanais, e a neta Pietra a leva na cadeira de rodas. Pietra se vira para escolher maçãs vermelhas, e lá está ele, Fabrício, com a esposa e os netinhos. Ele fica parado por um tempo, lembrando a menina que ela foi um dia, e parece que os dois se enxergavam pelas lentes dos óculos um do outro.

Pietra volta. Fabrício vai embora, e a brisa quente do primeiro amor se desvanece, feito uma sombra no meio de sombras.

Dona Elisa vê as visitas se animando, mostrando retratos daqueles que não puderam vir por causa de doença, separação, ou porque o bebê nasceu, três quilos e oitocentos, cinquenta e cinco centímetros, diz o médico para o marido de Elisa, e eles sorriem um para o outro como se tudo fosse ficar bem, como se constrói o amor, assim, de pequenas cenas de felicidade para sempre guardadas na memória de longo prazo.

Eles se despedem. Parentes. Velinhos. Alguns sentem saudade, verdadeira. Outros sentem culpa, por não haver um sentimento para colocar no lugar.

O enfermeiro José pede desculpas a dona Elisa pelo tempo que a deixou abandonada. Ela coloca a mão branquinha, enrugada, no rosto negro de José. E é bonito de se ver, mesmo na solidão extrema, mesmo no ocaso dos dias de alguém que muito amou, mesmo quando José pergunta, ao chegarem ao quarto, qual o nome do filho mais velho e do único marido no porta-retratos?

# O SEQUESTRO

01/12/2018

Ele nos obrigava a comer doces o tempo inteiro e não mandava lavar os dentes depois do almoço.

Ficávamos assistindo a televisão, ou melhor, João mudava de canal como se mudasse de roupa. Mas não tomávamos banho todos os dias – ele nos deixava decidir.

A porta do quarto estava sempre trancada, e não sabíamos como era lá fora, pois não existem janelas. Ele vinha normalmente na hora do almoço, barba por fazer e um cheiro de uísque no canto da boca quando nos beijava.

Deixava a comida na mesinha de estudos próxima à única lâmpada do quarto, e perguntava como foi a noite e pela manhã. João sempre chorava dizendo que não queria vê-lo, pedindo para ver mamãe. Eu continuava muda, parada, olhando para ele, como se quisesse gravar a expressão do seu rosto para quando fosse denunciar.

Não sei quanto tempo passamos aqui, pois, como disse, não existem janelas. Só sei que meu cabelo cresceu do ombro para a cintura, e João, os cabelos caem em cima dos óculos agora, e não consegue enxergar bem.

Papai nos mostrava todos os dias as vantagens de estar aqui, não precisávamos obedecer a mamãe, não precisávamos conviver com nosso padrasto e as duas meia-irmãs. Mas gostávamos do nosso padrasto, Mirela e Manoela eram irmãs gêmeas muito boazinhas, e me emprestavam sempre a casa da Barbie – com o armário de roupas da Barbie penduradas nos cabides cor-de-rosa – para eu brincar.

Ouvimos quando vocês chegaram com o barulho da sirene do carro de polícia. João gritava “Maria, Maria, estamos salvos!”. Mas eu não

estava tão certa assim, eu não queria que ele fosse preso assim, apesar de tudo, apesar do sequestro na saída da escola, apesar dos meses confinados neste quarto, apesar de ele ser meu pai.

# MATERNAL

02/12/2018

As esteiras são de palha e as crianças dormem em um semicírculo.  
Uma manhã agitada, pensa a professora.

Ariana morde Mateus que morde Tomás que fica chorando o tempo inteiro chamando pela mãe.

Clarissa chega atrasada com a babá, que é novata e não tem muita paciência.

Luís Gustavo perguntando, de cinco em cinco minutos, se pode ir ao banheiro.

Ali, sentada, na cadeirinha branca, a professora respira e imagina o que os alunos estão sonhando.

Um jogo de futebol.

Uma casa de bonecas.

Sorvete liberado por uma semana.

Passeio no parque com a cachorrinha Poly.

Encher o copo de Ana Carolina com água fresquinha.

A professora lembra a cena de que mais gostou no dia. Entra Bruno com a mãe – ela ainda não sabe que será escritora. Bruno está com sede e pega a canequinha de ágata com o nome embaixo. A mãe fica impressionada por ele identificar o próprio nome.

Ana Carolina chega sozinha. Ela vê Bruno bebendo e também está com sede. Ele pega a canequinha de Ana e a enche com água fresca.

A mãe de Bruno olha para a professora que narra a identificação dos nomes de todos os coleguinhas, mesmo quando ele diz Luisinho em vez de Luís Gustavo.

A mãe se lembra dos livros de borracha na banheira, os livros de feltro para brincar no chão e, mais tarde, as trezentas e sessenta e cinco

fábulas reunidas do mundo inteiro, uma fábula para cada noite na hora de dormir.

A professora ajeita-se na cadeirinha branca, respira e imagina o que os alunos estão sonhando. Cada um.

# IMACULADA

03/12/2018

Os salmos recitados no estilo gregoriano ressoam bem cedo nas paredes do convento.

Posso senti-los no tremor do copo d'água que irá limpar meus intestinos. No vaso de barro com o lírio branco que mamãe me deu ontem quando entrei como noviça.

Não sei o que é o melhor para mim; mamãe sabe. Ela disse, Ainda bem que aceitam moças não virgens depois de tudo o que aconteceu com você.

Eram férias de verão, mas chovia na praia de Maragogi. A turma da escola conseguiu um desconto bom para irmos todos juntos ao hotel cinco estrelas. A viagem de formatura do ensino médio, e três professores nos acompanhavam: o de Biologia, a de Física, o de Matemática.

Naquela noite, o professor de Biologia estava de plantão no nosso corredor de quartos. Como faríamos para driblá-lo e passarmos para o quarto de Belinho, o garoto mais bonito da escola, e por quem eu – e mais umas trocentas meninas – era perdidamente apaixonada?

Se Belinho dissesse entra, eu entrava; bebe, eu bebia; tira a roupa e faz o que eu mandar, eu fazia sem pensar, sem saber onde é que estava no dia seguinte, ainda nua, ainda com sangue e dor entre as pernas.

O vídeo se espalhou pela escola, era tão tosco, tão nojento aqueles meninos todos fazendo o que queriam comigo e com meu corpo, e eu não me lembro de nada.

Meu pai foi à polícia, deu parte e processou Belinho e os outros três meninos. Os pais responderam ao processo no lugar dos meninos, que eram menores.

E mamãe me trouxe aqui para o Convento das Carmelitas Descalças, depois de médico, aborto espontâneo e de ficar tudo limpinho aqui embaixo.

# O ASTRONAUTA

04/12/2018

Imagine a cena: olho para a plataforma metálica de uns trinta metros, o foguete pintado de azul-escuro, daqueles azuis que não sabemos o que vai dar no outro lado.

Lembro as conversas com tio Cândido, amigo de papai e considerado um gênio. Ele trabalhava com Estatística, e numa tarde de domingo – estaria ele bêbado? – olhou para mim, no auge dos meus sete anos, e disse:

– Augusto, você tem de ser astronauta um dia!

Daí em diante eu não pararia de pesquisar, não pararia de estudar para a difícil seleção, para a impossível situação de pairar por cima das nuvens, da estratosfera, da camada de ozônio furada em milhares de quilômetros; acima de tudo isso estaria eu um dia e o sonho de um menino de sete anos.

Viraria nerd, com direito a óculos de grau, e sem namoradas. Passaria o tempo livre lendo as biografias de Neil Armstrong e Yuri Gagarin, como se eu pudesse uni-los em paz, apesar da Guerra Fria.

Chegaria à Nasa numa manhã de domingo. Seria uma viagem longa de avião do Brasil para os EUA, depois de carro até o Centro Espacial Kennedy, na Flórida. Apesar da movimentação, dos engenheiros para baixo e para cima fazendo os últimos ajustes para o lançamento do foguete, tudo o que eu escutaria seria as batidas do meu coração, o pulsar das minhas veias que em breve desacelerariam na perda da gravidade, ao entrar na órbita da lua, como se fosse a minha única namorada.

Imagine a cena: visto a parafernália do macacão espacial prateado e carregado o capacete em forma de aquário com o meu braço esquerdo. Com o meu braço direito, aceno para mamãe e papai, minha irmã Geor-

gina, o marido, e os meus sobrinhos, George e Elisabete, e lá em cima da plataforma, um pouco antes de entrar no foguete azul-escuro, ainda posso ver tio Cândido enxugando as lágrimas com o lenço branco.

# NO SUPERMERCADO

04/12/2018

A visita é sempre feita aos domingos bem cedinho depois da missa.

Primeiro, as prateleiras de óleo de oliva e de girassol. As frutas e as verduras escolhidas sendo acondicionadas em sacolas ecológicas.

Os iogurtes e derivados do leite de vaca são evitados por causa da alimentação vegana;

1 pacote de feijão-carioca;

1 quilo de arroz integral;

grão-de-bico para húmus;

gergelim preto e linhaça dourada, e está feita a festa, com as verduras de acompanhamento e as frutas de sobremesa.

Evitam-se as prateleiras de produtos químicos. Procuram-se os detergentes orgânicos, xampu biodegradáveis, sabonetes de óleo de coco.

Sim, a conta será mais cara por causa dos produtos naturais. A máquina registradora oferece alguma resistência, enquanto passam um a um, por serem produtos recém-cadastrados no sistema do computador.

Lá em cima, na sala fria e escura da administração do supermercado, o computador acompanha silenciosamente a evolução das vendas no caixa três, seção um.

# NO CINEMA

05/12/2018

Dormir no cinema é muito bom. Sentar naquelas poltronas fofinhas, e, quando o dinheiro dá, nas poltronas reclináveis da sala vip.

Então *Casablanca* se mistura com *O melhor amigo da noiva* ou com *La la land*; Ingrid Bergman com Michelle Monaghan ou Emma Stone; Humphrey Bogart com Patrick Dempsey ou Ryan Gosling.

Vejo a cena de Dorothy na estrada dos tijolos dourados em *O mágico de Oz* se parecer com *Little Miss Sunshine* e a kombi amarela carregando os pais, meio-irmão, avô e tio de Oliver Hoover.

Mas dormir no cinema é bom, porque não ouço as brigas de papai e mamãe lá em casa, não tenho de mentir para minha irmãzinha dizendo que tudo vai ficar bem, não preciso mostrar o boletim da escola com as notas vermelhas.

E qualquer um dos autores dos filmes pode ser Júlio. E eu, qualquer uma das mocinhas. E ele me convidar de verdade para ir ao cinema, comprar pipoca sem manteiga porque sou alérgica a lactose, dividirmos um copo gigante de Guaraná, meu refrigerante favorito.

Falar os diálogos que eu gosto; fazer-me chorar no momento certo, só para depois me dar beijinhos na nuca e nas mãos.

As mãos ficariam dadas o tempo inteiro, e a minha cabeça encostada no ombro de Júlio, mas tomando cuidado para não acordar, prestando atenção, lá no meio do sonho, para quando o lanterninha do cinema passar na fila à nossa frente, abrir as portas e acender a luz da sala de projeção.

# METEOROLOGIA

06/12/2018

- E hoje, Luisinho?
- Hoje o que, Paulinho?
- Como será o tempo?
- Para mim ou para você?
- Para mim.
- Depende. Se estiver com o olhar triste, será céu nublado com fortes trovoadas.
- E se estiver feliz?
- Céu azul com nuvens branquinhas de algodão, poucas nuvens.
- E você? Como estará?
- Ainda não decidi.
- Por quê?
- Mamãe disse para ficar em casa, porque ela está tristonha, deve chover o dia inteiro, e ela não quer que eu fique doente.
- Por que você não sai de guarda-chuva?
- Papai está mal-humorado, parece que vão demiti-lo hoje, então o tempo estará para granizo.
- Mas você? Você mesmo? Como está sentindo o tempo?
- Ah, para mim o tempo está tão devagar...
- Por que, homem do céu?
- Por causa da Clarissa.
- Que Clarissa?
- Aquela da segunda fila, terceira cadeira da esquerda para a direita na nossa sala.
- A de cabelos encaracolados?
- Essa mesma.

- O que tem a Clarissa?
- Ela ontem me deu no recreio um beijo embrulhado em papel de chocolate.
- E?
- Dentro havia um bilhetinho dizendo o quanto gostava de mim.
- Por isso o tempo está lento para você...
- Sim, por isso o tempo lento, as cores vivas, um aroma de jasmim, gosto de chocolate na boca.
- Aaaaaaa...
- E você?
- Eu o quê?
- Como será o seu tempo?
- Como é o tempo de quem está morto de inveja?

# MELANCOLIA

06/12/2018

Pam e Rita tinham nove gatinhos.

Lua Regina.

Céu Azul.

Rico Gabriel.

Moo Lan.

Bia Trix.

Sara Pata.

Guto Max.

Flu Flan.

Piri Lampo.

Um quarto para dormir, outro para brincadeiras; o lugar da água e o comedouro; as vasilhinhas de areia para as necessidades.

Vivia feliz, a família dos nove gatinhos. Ficavam quietinhos quando as mães iam trabalhar, visitavam, na caixa de transporte aos domingos, a avó Luisa, que dava iogurte de colher, e era uma festa, com direito a soneca depois do almoço.

Até um domingo em que a cachorrinha Poly – que costumava se enganar com tudo – foi visitar com os novos donos Pam e Rita, e Poly comeu por engano, de uma vez só, os nove gatinhos que dormiam na caixa de transporte.

# AS TRÊS MADRINHAS

07/12/2018

Preta, Branca e Amarelinha eram as madrinhas de Amélia no internato.

Apesar de a idade ser a mesma, elas cuidavam de Amélia como se cuida de uma filha, mas de um jeito exagerado.

Preta ensinava Matemática até Amélia apreender todas as equações, até entender as soluções que vêm ligadas aos problemas desde que estes nascem.

Branca era menos prática, mais voltada para as emoções. Ensinou Amélia a pintar, tocar flauta, correr os dedos no piano com segurança e desenvoltura.

Mas Amarelinha... Amarelinha ensinava o que ninguém sabia, a pular corda, jogar bolinha de gude, elástico e barra-bandeira. A riscar o chão com ponta de giz e brincar a tarde inteira o jogo do próprio nome.

Um dia, Amélia acordou doente. Nem os cálculos de Preta, nem a música de Branca, nem as brincadeiras de Amarelinha adiantavam mais, solucionavam o problema que apertava o coração da afilhada.

Perguntaram, ela não respondeu.

Conversaram entre si e resolveram investigar o armário de Amélia.

Encontraram um diário, cor-de-rosa, de chavinha, e, quando conseguiram abrir, depois de muito sacrifício, encontraram:

“Oh, Deus, gosto muito das minhas madrinhas...

Mas que saudade de mamãe...”

# A ILHA

08/12/2018

Lara chegou à ilha em 1974.

Ela dormia no bote salva-vidas quando o Gloria Queen afundou em pleno Oceano Pacífico.

Gostava de ficar só, e para o bote se encaminhou na tentativa de fugir da multidão de pessoas do navio. Causava impaciência a comunidade e aquelas regras todas: hora de acordar, hora de dormir, moça de família não faz tal nem qual.

Chegou à ilha maravilhada. Eram tantos frutos e animais, e nenhum outro ser humano. Construiu uma cabana, juntou lenha e fez fogo para à noite se aquecer e conceder moleza aos alimentos.

Mas sentiu falta das palavras. A princípio escrevia na areia fininha da praia, nas folhas verdes das bananeiras, nas quatro paredes da cabana, até não ter mais onde escrever naquela ilha diminuta.

Começava a se esquecer das frases dos livros bons, das palavras luminosas que iam se apagando, e, um dia, tentou juntar as letras do próprio nome.

Não comia nem fazia nada. Só queria ficar quietinha nas quatro paredes da cabana esperando o sono chegar, a morte aos pedacinhos.

Até sonhar com a mãe lhe ensinando o bê-a-bá num dia de domingo.

# (DES)ARMAMENTO

08/12/2018

O local é propício.

O tempo, esperado.

Lua Regina esperou todos dormirem para executar o plano.

Forrou a cama. Tomou banho e vestiu a camisola de seda vermelha que ganhara de Rico Gabriel no verão passado.

Escreveu uma carta para a mãe agradecendo a educação primorosa que recebera.

Ao pai pediu que tocassem “Romance barroco” no violão. Não, dois violões e o piano.

Que a irmãzinha mais nova cuide bem de Bia Trix, a gatinha angorá recém-adotada.

A dor não seria grande. Mal teria tempo de sentir. E faria na banheira – nunca gostara mesmo dos azulejos de florzinha cor-de-rosa que ficavam por trás e ao redor.

Rico Gabriel perdoaria a ausência. A culpa não era dele. Era dela mesmo – que culpa ele tem se ela não sente nada, nem um tremor nas mãos quando Rico a tocava em carícias?

Talvez tenha a ver com a avó que nunca beijou a mãe, a mãe que nunca beijou Lua Regina nem a irmãzinha mais nova, e as duas estariam predestinadas à frieza – apesar do verão tórrido de Porto Alegre –, estariam predestinadas à proeza de entrar calmamente na banheira, tomar a arma com as próprias mãos e disparar no próximo segundo.

# VINTE E SETE

09/12/2018

Artistas que morreram aos vinte e sete anos: Kurt Cobain, Jimi Hendrix, Janis Joplin, Amy Winehouse.

Faço no próximo sábado, dia de Nossa Senhora da Conceição, a padroeira do Recife.

Não sei se subo o morro da Conceição pagando promessa, se vou à sessão espírita, se visito os orixás do maracatu Porto Rico. Ou se pego uma pistola e acabo com o corpo, talvez deixando a alma livre para ser o que eu quiser.

Já fui terrorista aos vinte e um, Edmund do *Rei Lear* e Bernardo no *Cinema*. Namorei meninos e meninas, mas nunca me esqueci dela.

É mais velha do que eu, uns quinze anos. Há muito tempo, quase disse que fiquei com o namorado dela, só para provocar ciúmes. Eu sabia, eu sentia que a recíproca era verdadeira, e ela me sondava com aqueles olhos cinza-claro.

Nós nos encontramos no Rio na segunda-feira. Em Copacabana, num hotel antigo em que o pessoal da faculdade me colocou por causa do congresso. Ela, na recepção.

Os mesmos cabelos ruivos encaracolados, agora cortados curtos. A mão tamborilando impacientemente porque o recepcionista não encontrava a reserva.

– Olás!

Falamos um com o outro, e era sincero o nosso olhar. Convidei para passearmos na praia enquanto não encontravam a reserva.

E passeamos. E voltamos para o hotel embriagados de Rio, entontecidos de vida, retiramos as roupas no meu quarto, e passamos a tarde fazendo amor de todas as maneiras, nossas línguas descobrindo

os cantos mais escondidos dos corpos, até adormecermos exaustos de madrugada.

Acordei. Ela não estava lá. Ela não foi à minha palestra sobre Mobilidade Performática. Desapareceu.

Sábado faço vinte e sete anos. Se ela não aparecer até lá, decido se subo o morro, se o espírita, o maracatu, a pistola.

# A BAILARINA

10/12/2018

O meu sonho sempre foi ser bailarina, daquelas de sapatilha de ponta, tutu branco e o balé Gisele. Até que apareceu Virgínia.

Comecei a dançar aos sete anos porque era o que todas as meninas de família faziam. Balé e piano. Fiz os dois com empenho e dedicação até os treze anos.

Virgínia era de Brasília e chegou a Maceió no meio do ano. Era mais velha do que eu, mais magra do que eu, cabelo liso e olhos azuis.

A professora me convidou para ser a bailarina principal no espetáculo de dezembro. Ensaiaava até tarde, perdia as aulas de piano, tirava notas baixas na escola.

Resolvi me aproximar de Virgínia e dar-lhe as boas-vindas. Ela me agradeceu, disse que era muito gentil da minha parte. Viramos melhores amigas. Daquelas que ficam até tarde ensaiando, compram juntas as sapatilhas de ponta, conseguem convencer a professora a formar um *pas de deux*, mesmo sendo duas meninas.

Mesmo sendo duas meninas, Virgínia me convidou para dormir na sua casa, na véspera do espetáculo, na véspera da apresentação de dança que iria mudar as nossas vidas.

O quarto era cheio de pôsteres de Mikhail Baryshnikov e Pina Bausch. A cama, cor-de-rosa. Os lençóis, de algodão.

Ensaíamos até tarde. Os pais de Virgínia haviam viajado. Ela me chamou para um banho bom. A água do chuveiro a princípio estava quentinha, mas depois foi esfriando, esfriando, até eu reclamar para Virgínia, e ela começar a me cobrir de beijos. No pescoço. Na ponta dos seios. Na boca e no meu sexo aflito, sem entender a transformação que acontecia no meu corpo.

Acordei com dor de cabeça e o corpo quente. Virgínia não estava lá. Já estava no teatro naquela hora, explicando para a professora que eu não poderia vir e iria dançar sozinha, que minha mãe não iria assistir, logo ali na primeira fila, à minha apresentação de sapatilha de ponta, tutu branco e o balé Gisele.

# O BEIJO

11/12/2018

Duas amigas em um bar:

– Você sabia que na escultura de Auguste Rodin, “O beijo”, os amantes não se beijam realmente?

A esposa havia viajado com os filhos. A casa estava só. Ele havia me convidado há muito tempo, mas eu sempre resistindo, sempre adiando o encontro com a realidade. Na sala, os móveis de madeira laqueada e os porta-retratos com as fotos de Amélia – a esposa, os filhos.

Comecei a sentir um nó no estômago, mas gostava tanto dele que nos dirigimos ao quarto de casal. A cama enorme – também de madeira laqueada – parecia um déjà-vu, mas eu nunca vi aquelas cortinas flutuantes com a janela semiaberta, o abajur cor de laranja aceso o tempo todo como se fosse uma vela de sete dias protegendo o lar.

Tiramos as roupas, fizemos sexo – uma, duas, mil –, e foi um sexo bom. Ele costumava dormir entre os meus seios até ficar excitado e começarmos tudo novamente.

O dia rasgando as frestas da cortina, e ele acorda, assustado. Diz para eu tomar banho, me vestir e ir embora porque a empregada já vai chegar. Eu, tonta ainda, na calmaria do sexo bom ainda, vejo nascer a raiva nas entranhas, no ventre cheio de espermatozoides que não conceberão os meus óvulos murchos, aquela raiva subindo o estômago, o esôfago, e quase soando as cordas vocais, quando, mudando a direção, fecho os lábios e não encosto no beijo de despedida.

A amiga no bar responde:

– É mesmo?

# O EXERCÍCIO

11/12/2018

*Para Bernadete*

Saí de casa hoje cedo, no Parnamirim, para ir à casa de Patricia, em Boa Viagem, e a nossa última aula do ano.

Desde 2016 seguimos esta rotina boa: nós nos encontramos uma vez por mês para conversarmos sobre literatura, cinema, artes plásticas – e tudo o que nos der na telha.

Fazem parte do grupo Elba, Patricia, Luisa, Talita e eu. Elba escreve poesias e resenhas maravilhosas e a conheci numa aula de dança de salão lá na zona norte – hoje o trânsito está fogo na roupa! Vou tirar uma foto e mandar pras meninas no WhatsApp.

Patricia, conheci numa reunião da Confraria das Artes. Eu estava tão nervosa porque ia apresentar algo sobre Goa – cidade das minhas raízes. Mas, na hora H, tudo se dissipou, o medo desapareceu, e eu era outra no meio de gente amiga. E ali, do outro lado da mesa redonda, estava uma Patricia maravilhada.

Luisa e Talita entraram no mesmo mês no nosso grupo de estudos. Entraram em abril de 2017. Luisa é amiga de Patricia dos tempos de Maceió; grande romancista, trabalhou como advogada talentosa com a boadrasta da dona da casa para onde me dirijo agora – e o trânsito não ajuda!

E Talita... Ah, Talita, minha sobrinha querida... Só de falar, encho os olhos de lágrimas... Menina inteligente, sensível, profunda, que ontem defendeu o TCC brilhantemente na Universidade Federal de Pernambuco.

Estou dirigindo como posso e escrevendo quando me dá vontade – tomara que aquele guarda não tenha me multado! Só para fazer o exercício de casa que Patricia nos pediu.

Mas o que está me encasquetando o juízo não é o trânsito, o atraso, nem ao menos o exercício. É querer saber logo que bendita surpresa é essa que Patricia nos prometeu dizer daqui a pouco.

Será que ela está namorando?

# LOUCURA

12/12/2018

No hospital da Tamarineira, em Recife, havia loucas de todas as maneiras: altas, baixas, gordas, magras, pretas, brancas, ruivas e amarelinhas.

Natália se preocupa com Beatriz. A paciente chegou faz pouco tempo no hospital, e não come, não bebe, isola-se no canto do pátio. A médica verifica a papelada de ingresso para tentar descobrir a história de Beatriz.

Que é filha de família rica – uns usineiros lá do interior de Alagoas.

Que aprendeu a ler muito pequena e gostava de ficar deitada lendo livros de mil páginas no sofá do apartamento de três andares no bairro do Farol em Maceió.

Que no colégio de freiras se isolava na hora do recreio só para ler Agatha Christie. Sidney Sheldon. J. M. Simmel.

Mas também gostava de Carlos Heitor Cony e *Luciana Saudade*, Malba Tahan e *O homem que calculava*, apesar de *Pollyanna* e *Pollyanna Moça*, de Eleanor Porter.

Não gostava dos clássicos obrigatórios para o vestibular. Não sabia o que cursar na faculdade, então os pais a levaram para fazer o teste vocacional numa clínica em Olinda, e, de lá mesmo, foi encaminhada para cá. A psicóloga da clínica descreveu a cena em que Beatriz entrou em crise, convulsionando por causa das inúmeras possibilidades do que poderia ser um dia.

Chego perto. Tento conversar. Ela olha para um ponto fixo na parede do pátio, e parece que assiste a algum filme da Sessão da Tarde, ou a algum documentário sobre uma tribo perdida na África. Ela parece não saber que existem tribos perdidas no Brasil, e que, em pouco tempo, se extinguirão.

Mas hoje eu trouxe um presente. Um diário de capa dura cor-de-rosa com folhas de papel pautado.

– Escreva, Beatriz! Tudo o que lhe vier à cabeça. Crie histórias, invente personagens que nos contem o que você vê, ali, no ponto fixo da parede. Prometo que irá ter ao menos uma pessoa leitora no mundo.

Eu lerei.

# CONFRATERNIZAÇÃO

12/12/2018

Eu cheguei mais cedo na esperança de encontrá-lo sozinho depois desses anos todos.

Estudamos juntos, o pessoal da faculdade, e Ivan era o mais tímido de todos. Não ia aos shows dos Titãs, do Legião Urbana, nem mesmo aos do Kid Abelha.

Apesar de ir para todos os shows, eu era tímida, chegava sempre antes da aula e ficava na entrada do bloco G da universidade. Ivan chegava cedo também. E conversávamos sobre John Keats e Mário Quintana, Virginia Woolf e Clarice Lispector, como se fossem nossos colegas de classe.

Escolheram o bar aberto no centro da cidade por causa da filha de um dos amigos que iria de carrinho de bebê. Eu cheguei mais cedo e fiquei imaginando como todos estariam.

Beto, Erich e a torcida do Sport Clube do Recife.

Paula, Poly, Flavinha e os paqueras na rua do Lazer nos intervalos das aulas.

Neto, o caçula da turma, agora era o pai de Larinha e casado com Ana.

Francino, também pai tardio, mostrando o ultrassom do primogênito no grupo de WhatsApp.

E Ivan, quieto, calado, não dizia se ia, se não ia no grupo de WhatsApp, eu tentando adivinhar se havia casado, se divorciado, se com três filhos feito eu.

Feito eu agora, impávida, mas tremendo com o frio do vento por chover, por desvanecer qualquer possibilidade de encontro depois de tanto tempo, depois de Ivan mandar-me uma carta há trinta anos per-

guntando por que diabos eu mudei de turma, e que só respondi semana passada quando soube da confraternização.

Escrevi e rasguei a carta tantas vezes que já sei de cor. Na verdade não era uma carta. Estava mais para bilheteinho. E dizia...

– Oi, Laura, tudo bem?

Ivan chegou.

# NUCA

13/12/2018

Eu morava no bairro da Torre em Recife.

Ele veio me apanhar bem cedinho para viajarmos a Maceió. Dirigindo um Chevette vermelho; a mãe ao lado; o irmão mais novo no banco de trás.

O meu lugar era atrás dele e eu podia ver sua nuca. Os cabelos bem cortados curtos, bem arrepiadinhos.

Pensei que soubessem que estávamos namorando há uma semana, a mãe e o irmão. Mas, quando comecei a alisar a nuca de Felipe, o irmão mais novo me olhava de maneira apavorada, como se eu estivesse cometendo um crime.

Viajamos em silêncio as três horas e meia de Recife para Maceió. Na nossa frente desfilavam praias de mar azul e água quente, areia fininha que daria para colocar numa ampulheta.

Chegamos à casa dos tios dele em Maceió, deixamos a mãe e o irmão. Ele ia me levar na casa de uma amiga minha que morava na Gruta de Lourdes – era lá que eu iria ficar.

Até ele parar no meio do caminho. E me convidar para ir a um motel. Eu dizer que não. Ele insistir. Eu afastá-lo com a mão esquerda, com a mão direita pegar o guarda-chuva que a mãe dele esqueceu no carro. E bater uma, duas, mil vezes na nuca de Felipe, ele desmaiar, um senhor que passava ver, e chamar vocês aqui, Seu Delegado.

# FILME

14/12/2018

Ana Clara inseriu o filme nos dentes da câmara analógica. Era preciso ajustar bem para que o filme não se soltasse durante a gravação, e não captasse as paisagens previamente selecionadas.

Previamente escreveu o roteiro da história, se iria pela direita no pátio da universidade, se iria pela esquerda. Mas quando saiu do carro no estacionamento, começou a chover, e a chover cada vez mais forte; ela, mesmo com o guarda-chuva, resolveu passar um tempo na capelinha. Então, foi pela direita.

Então, viu André, de bolsas, mochilas, guarda-chuva e a aliança de casamento na mão esquerda. Fazia quanto tempo que não via André? Quase dez anos, registrou a câmara do pensamento. Mas não sentia nada, nem um frio no estômago, nem a língua ficou travada quando disse:

– Oi, André, tudo bem?

Ele que não respondeu, ele que empalideceu até quase ficar em preto e branco.

Chegou à capelinha. Salvou a câmara analógica da chuva, mas respingou terra do chão nas pernas da calça branca. Naqueles cinco minutos de espera, lembrou-se de quando conheceu André, ali, na universidade, no primeiro dia da matrícula, de como ele era magrinho, e tímido, e ainda usava óculos de grau para miopia. De como eles gostavam de ir filmar o sol se pondo no encontro do mar com o rio Capibaribe no Marco Zero e se beijavam até o sol sumir. Como gostavam de fazer as trilhas no parque Dois Irmãos no meio dos animais engaiolados do zoológico, e que ainda iriam ali de madrugada, abririam as portas das jaulas e filmariam a liberdade nua, feito a primeira noite em que fizeram amor.

A chuva para. As lembranças vão embora lá para um lugar misterioso do cérebro. Ana Clara se reconstrói inteira e recomeça a filmar.

# DINHEIRO

14/12/2018

Riquinha comprava os amigos todos à prestação. Um dia era cinema de graça para Paulinho; no outro, aquela boneca de porcelana que Maria tanto queria; um carrinho imitação de Ferrari vermelha que Pedro pediu no Natal passado. No Dia das Crianças, era uma dificuldade para o motorista Luís arrumar todos os presentes na mala do Landau azul-cobalto.

Numa tarde de novembro, logo depois das provas finais, voltou a pé com Marcelo, um amigo novo da escola, que chegou de São Paulo no meio do ano. Riquinha gostava de conversar com Marcelo, porque ele conhecia vários lugares do mundo, e ela amava viajar. Mas ele não aceitava nenhum dos seus presentes, e dizia sempre:

– Gosto da sua companhia.

Quando chegaram a casa de Riquinha, não havia Landau azul-cobalto, as empregadas, o motorista. Todos haviam sumido para algum lugar distante e agora ela estava só.

Também não havia móveis nas salas, nos quartos vazios, as roupas preciosas não estavam nos armários, roupas que todos os dias Riquinha demorava a escolher o que vestir para ir à escola.

Sentou no chão de mármore branco. Desesperou-se. Levantou os olhos cheios de lágrimas, e viu Marcelo quietinho, olhando-a, esperando ela se acalmar.

– Quer jantar na minha casa?

– Mas, meu pai? A minha mãe? Eu ligo, chama, chama, eles não me atendem.

– Eu posso esperar.

Riquinha ligou para Paulinho, ele não atendeu. Maria estava muito ocupada brincando com a boneca de porcelana nova, disse que ligava mais tarde. Mas Pedro... Pedro estava muito chateado, porque a pintura vermelha da imitação de Ferrari descascou, e ele não tinha dinheiro para mandar consertar.

– Você tem dinheiro aí, Riquinha?

Ela não sabia o que fazer, não sabia o que dizer para aqueles amigos.

Olhou para Marcelo. Arrependeu-se. Levantou do chão de mármore, deram as mãos e foram juntos jantar sopa de legumes com pão assado, lá no subúrbio da cidade.

# ARRUMAÇÃO

14/12/2018

Rafa está na biblioteca da casa desde as quatro da tarde. Resolveu tirar o tempo livre para arrumar os livros, os papéis soltos e os cadernos, até porque não tem muito o que fazer esses dias.

Foi demitida e não tem como saber se Priscila roubou mesmo o seu projeto.

Conheceu Priscila um ano antes, e ela pareceu boa companhia. Saíram juntas depois do trabalho, iam a barzinhos, paqueravam os rapazes.

Mas achou estranho ter entrado um dia na própria sala de trabalho e Priscila estar conversando com Roberto.

– Estava marcando com Roberto para sairmos. Quer ir junto?

Rafa nunca entendeu bem o que significava *ménage à trois*. Com os poucos conhecimentos do francês, parecia arrumação. Mas não foi arrumado assim. Roberto pedia posições desconfortáveis, e quando Rafa chegou ao trabalho no outro dia, encontrou em cima da mesa a carta de demissão.

– Não se pode na empresa ter relações entre colegas.

Disse o chefe. Mas Rafa não pôde dizer nada, pois devia esconder tudo – era uma tripla relação.

Soube, uma semana depois, que Priscila assumiu o projeto novo de Rafa de recrutamento e seleção dos vendedores.

De volta à biblioteca, resolveu arrumar os russos com os de língua espanhola, e Dostoiévski ficou junto de Borges; Tolstói, de Casares; Gogol, de García Márquez. Mas eles estavam bem assim, ligados, mas separados pela língua, Rafa apartada pela consciência tranquila de que não havia feito nada de errado.

Joga fora os papéis. Chora, ri, relendo os diários. Entre as páginas, fotografias de infância de uma Rafaela que não lembrava mais, que talvez gostasse mais do que a que chora agora, acocorada entre os papéis, os livros, terminando a arrumação.

# ESTUPRO

15/12/2018

Se Joana fosse estuprada, andaria com uma corrente de ferro na mão esquerda, um revólver de aço na mão direita.

E se um homem aparecesse na sua frente, não importa se para saber as horas, se para perguntar o nome da rua, usaria a corrente para espan-tar.

Já o revólver, tomaria mais cuidado antes do julgamento, pois afinal se trataria de vida humana, mesmo que fosse um animal.

Mas animais só defendem o que é deles por direito, e os homens deturpam o que é direito até deixar de ser.

Joana fez meditação, Tai-chi-chuan, e não encontrava o caminho, e todos os caminhos desembocavam em violência, em vida sem paz e amor. Escutava tarde da noite o pai batendo na mãe, só porque não encontrava o par de meias, ou porque a galinha estava muito seca no jantar.

E a mãe permitia, a mãe omissa, descobria Joana muito tarde da noite.

Então resolveu ir para a praia de Itamaracá, dançar ciranda com Lia e outras mulheres na mesma condição; por via das dúvidas, a corrente de ferro na mão esquerda, na mão direita, o revólver de aço.

# CORRIDA

16/12/2018

Não há nada como uma corrida para desbloquear os ossos, oxigenar o cérebro, fazer bater mais rápido o coração.

Comecei, lá atrás, quando nasci. Menino pequeno, era devagar, o desenvolvimento, não sabia nem ao menos colocar os pés no chão.

Fui crescendo e aprendendo o ritmo da corrida. Às vezes queria pular logo os obstáculos, mas eles estavam ali para desacelerar.

Quis também queimar etapas, e tive que voltar para antes, viver cada época no tempo certo.

Namorei, casei, e minha esposa também gosta de corridas, e ensinamos ao nosso filho mais velho a arte do bem correr.

Ele olhava para mim todo medroso, “Papai, papai!”, e eu logo socorria.

Passa o tempo, vêm mais filhos e novos obstáculos. Era uma família de seis. O que eu ganhava no trabalho não dava para pagar as contas, minha esposa teve de sair para trabalhar, e os meninos foram para uma creche.

Luís Felipe conseguiu uma bolsa de estudos e foi para Boston.

Laura casou cedo e fez Ciências da Computação.

Letícia se especializou em Culinária e abriu uma hamburgueria com uma amiga.

Leon ainda mora com a mãe, mesmo depois da separação.

Vejo o final da corrida. Eu, velhinho. Filhos criados. Ex-mulher com outra família.

E eu aqui, vencendo aos poucos cada metro da corrida, cada frase que escrevo no diário com capa de papel-jornal.

# NASCIMENTO

16/12/2018

Luís me convidou para assistir ao nascimento da filhinha, Bruna.

Fazia tempo que não nos víamos, e o encontrei semana passada na cidade. Está mais calvo, engordou alguns quilos. Mas, no resto, parece o mesmo Luís.

Do início da faculdade, nas reuniões do DCE e nas passeatas pelas Diretas Já. Íamos juntos para a praça Marechal Deodoro, lá no centro de Maceió.

Ele, um idealista. Eu, sonhava com tudo rosa no enxoval de nossa bebê.

Fomos presos por fumar maconha na praia de Pajuçara, mas o pior foi enfrentar os nossos pais. O pai dele fez um acordo com o meu de que nos separaríamos, de que nunca mais nos veríamos enquanto vida tivesse.

E assim aconteceu. Seu Ricardo se mudou com a mulher e o filho único para uma cidade afastada – Bom Conselho, no interior de Pernambuco –, e nunca mais ouvi falar de Luís.

Até a semana passada. E o convite para assistir ao nascimento da filhinha, Bruna.

Ele casou com Socorro, uma colega nossa de faculdade, que encontrou no bairro do Farol, em Maceió, quando o pai morreu e ele veio tentar me ver há um ano. Saíram para lanche, depois cinema, e o pedido de namoro, noivado e casamento aconteceram quase juntos, como se fosse um momento só.

Estou na maternidade. Trouxe um vestidinho para a bebê que vai nascer. E no peito uma saudade, do tempo que eu ainda sonhava, com um mundo cor-de-rosa, ao lado de Luís.

# VOCE

16/12/2018

Ana, Anabella e Arabella são três irmãs gêmeas. Elas estão em um hotel cinco estrelas de Gravatá, no interior de Pernambuco. As irmãs têm treze anos.

Acordaram animadas porque hoje é a noite do karaokê. Ensaíram o dia inteiro a música do Paralamas do Sucesso, mas que Tim Maia cantou em 1969.

Subiram a Serra das Russas, o pai, a mãe e as três. Sempre iam a Garanhuns nessa época do ano, pegar um friozinho. Mas resolveram variar.

Foi Ana quem viu primeiro o rapaz de vinte e cinco anos. Alto, cabelo encaracolado castanho, olho azul. Disputaram entre si quem iria ficar com ele, quem iria dançar com ele na quadrilha de São João.

Anabella era a mais tímida, mas nem por isso desistiu do projeto ambicioso. Ensaíram o dia inteiro, e Arabella até perdeu o leite na vaca, charrete e a pescaria – na qual se pega o peixe no laguinho e em seguida se devolve, só para de novo pescar.

Chega a noite. Perfumadas, arrumadas e um pouco de maquiagem – a mãe permitiu usar. Foram todos para o salão de eventos. O pai, a mãe e as três.

Sentaram a uma mesa próxima ao palco, nem viram o rapaz de vinte e cinco chegar, para não ficarem nervosas.

Os nomes chamados. Sobem no palco. Luz e ação. Foi quando o viram, logo na frente, numa mesa vizinha à dos seus pais. Aliança na mão esquerda, esposa à direita, dois filhinhos de colo. Irmãos gêmeos.

Anabella virou de costas e vomitou o palco inteiro, enquanto Ana e Arabella:

“Você, é algo assim...”

# BAOBÁ

16/12/2018

Dizem que os baobás foram trazidos ao Brasil pelos escravos para guardarem uma lembrança da terra natal.

Traziam em sementes, pois sabiam que nunca mais retornariam para a África.

Uma vez, Saint-Exupéry veio ao Recife e, no baobá da Praça da República, na frente do Palácio Campo das Princesas, inspirou-se a escrever *O pequeno príncipe*.

No Jardim do Baobá, que fica por trás da Estação Ponte D’Uchôa, chego para encontrar Leonardo. Chego sem nenhuma esperança de conseguirmos uma solução.

Carrego em meu ventre uma semente de filho de Leonardo que será pai um dia.

– Esse filho não é meu.

Diz ao telefone. Mas eu quero ouvir dele aqui, pessoalmente, debaixo do baobá onde escrevemos nossos nomes faz alguns meses.

Faz alguns meses que a barriga cresce e eu não posso mais disfarçar no escritório.

– Tira o filho!

– Você é jovem!

– Tem a vida pela frente!

Eu escuto das colegas de trabalho numa imensa confusão.

Sento no balanço do Jardim do Baobá. Ele range, faz um barulho grande, como se anunciando, como se pressentindo a chegada de Leonardo.

Ele chega, senta no balanço ao lado. Coloca a mão na minha barriga que já está aparecendo.

E, do nada, como se percebendo que aquele era o pai, João Vítor se remexe por inteiro dentro da minha barriga. Dá até uma cambalhota.

# MÚTIPLA

17/12/2018

As mãos de Letícia sujas de sangue. Acaba de matar o personagem.

Não sabe se lava as mãos, se rasga as folhas do caderno de papel pautado, se digita logo no computador para enviar à editora – que é ela mesma –, e ver o que ela acha.

O prazo para a entrega do livro de cinquenta contos para a gráfica é segunda-feira, e hoje já é sábado. Foi catando histórias na rua, uma conversa na mesa ao lado do café, as brincadeiras das crianças no parque, o casal de namorados no metrô, e tudo lhe interessando, todos virando personagem.

Mas Jonatas, não. Ele recusa o controle, não faz nada que a caneta e o papel pautado de Letícia lhe ordenam, e acaba se apaixonando pela autora, e fazendo a autora por ele se apaixonar.

Ela não consegue escrever mais nada senão sobre Jonatas e Letícia, e aquilo está se transformando numa novela, se brincar, num romance, se não tiver um final estrondoso. Porque no romance, diferente da novela, não interessa o final, mas o que acontece no meio da história.

Para a escrita. Vai ler os clássicos, e se depara com Dostoiévski, e se surpreende como não havia pensado antes, como Dostoiévski conseguiu realizar aquilo que ela sonhava desde pequena, porque é preciso colocar para fora a raiva, é preciso muita coragem para sujar com sangue as próprias mãos.

Para a leitura. Marca o encontro com o personagem para sábado à tardinha. Leva a caneta-tinteiro que ganhou da sua avó para situações especiais. Sempre pensou que a usaria em lançamentos de livros, dando autógrafos, ou em premiações pelo mundo afora. Nunca imaginou que seria para marcar o encontro com Jonatas no Parque da Jaqueira, em

Recife, o parque cheio de gente ao redor, e cada história que escrevia sobre uma pessoa diferente era uma facada com a ponta da caneta-tinteiro no personagem, até chegar aos cinquenta contos, até Jonatas estendido morto no chão e o final estrondoso da novela.

# SILÊNCIO

17/12/2018

Lúcia prometeu a si calar as palavras, as da boca e as das mãos.

Não dizia mais nada, não contava mais nada, até Diogo esclarecer o mal-entendido.

Ela esperava que fosse um mal-entendido aquele de publicar o livro de Lúcia como se fosse o de Diogo, apesar de ter sido ele quem fez a editoração.

Trabalhavam juntos numa editora pequena lá no centro do Rio de Janeiro, e quando dava tempo iam lanchar na Confeitaria Colombo, só para ver os vitrais e se imaginarem personagens da época de Machado, Euclides ou mesmo de Piñon.

Lúcia tomava conta das conversas com os novos autores, as livrarias, as feiras de livros. Diogo editorava, procurava as capas mais perfeitas, traduzia o texto para a melhor cor.

Os dois trabalhavam para Cláudio, exigente, minucioso, racional. E Cláudio preferia Diogo, até porque os dois eram cariocas, e Lúcia não.

Lúcia veio de Salgueiro, interior de Pernambuco, morar na cidade maravilhosa aos vinte anos. Só sabia ler e escrever bem. Então foi de porta em porta das editoras grandes, depois médias, enfim pequenas, até um dia conhecer Cláudio e Diogo.

No princípio era bom aquele trabalho. Desbravar novos autores, conhecer textos diferentes dos clássicos, mas com qualidade.

Quando viu Diogo lendo o manuscrito que ela escondia a sete chaves para ninguém ler.

– Muito bom isto aqui, Lúcia.

Ela enrubesceu. Ele a convidou para um chope lá no bar Amarelinho.

E a amizade assim se transformou, Diogo se mudou para o pequeno apartamento de Lúcia, no Largo do Machado. Não se separavam mais.

Quando viu no caderno de cultura do jornal o anúncio do livro dela com o nome dele, empacou, não ligou para os autores, livrarias, não fez mais divulgação. Levou as coisas de Diogo que estavam no apartamento numa caixa para a editora, pegou escondido a cópia da chave do apartamento que estava na gaveta da mesa dele, e saiu de férias.

# ANTIGAMENTE

17/12/2018

– Na minha época, o pão era embrulhado ainda quentinho em papel madeira e cordão branco e vermelho.

– E os meninos podiam jogar bola de gude e andar de bicicleta até cansar, mesmo se fosse às oito da noite.

– As meninas faziam cola de maisena para usar no álbum de figurinhas da Hello Kitty.

– Vestido tomara que caia como se fosse um bustiê.

– Sapato de colégio era o Conga. O meu era preto com o cadarço branco.

– Eu usava All Star.

– A Rita sempre foi riquinha.

– Mas gostava de ler *As veias abertas da América Latina*, do Eduardo Galeano.

– E escutar Milton Nascimento cantando Coração de Estudante.

– E acampar com a tia pobre na praia de Maragogi.

– Você fala isso por despeito, Anastácia. Sempre quis acampar com a gente.

– Calma, calma, pessoal. Lembrem-se de que somos amigas de longa data, e temos mais o que fazer.

– É verdade, Soraia. Desculpe, Rita.

– Eu que peço desculpas, Anastácia.

– Então, como eu estava falando antes de toda essa discussão: Rita põe Lexotan no suco da enfermeira, Anastácia pega a chave da porta do Asilo da Boa Idade, enquanto eu ligo para o segurança falando do incêndio que começarei daqui a pouco.

# ASSALTO

18/12/2018

Ela entrou de mansinho e foi em direção ao guarda-roupa. As luzes estavam apagadas e eu fiz de conta que estava dormindo.

Dormíamos no mesmo quarto, eu e minha irmã Ana Clara. Ela, mais velha do que eu dois anos. Ela, a menina dos olhos de papai.

Mamãe dizia, e vinha me consolar, afirmando que estaria sempre para mim. Mas quando Felipe nasceu, fiquei assustada com o irmãozinho, de que ele iria tomar o meu lugar.

Não tomou. Eu brincava com ele como se fosse um boneco gigante, gordinho, careca. Eu dava até mamadeira. Eu até o derrubei sem querer um dia – mas não machucou – afirmou a babá.

A babá também não gostava de Ana Clara. Minha irmã alta, cabelos encaracolados, magra, enquanto eu era cheinha, cabelos lisos de não dar um nó.

Ana lia e lia livros. De qualquer espécie e quantidade de páginas, e só tirava notas boas em todas as matérias. Eu, em recuperação em Português e Matemática. Mamãe, com pena, me colocou no professor particular sem papai saber.

Minha irmã entra de mansinho e vai na direção do guarda-roupa. A minha parte é a do lado direito, toda arrumadinha; a dela, a do lado esquerdo, uma bagunça.

Levanto da cama em silêncio. Não calço o chinelo de pompom cor-de-rosa para não fazer barulho. Acendo a luz do quarto quando ela está pegando, escondido, o meu cinto branco de strass, que ganhei de mamãe no meu aniversário. Pulo para cima. Puxo-lhe os cabelos. Mordo-lhe a mão até sair sangue, até papai e mamãe ouvirem os gritos de Ana Clara e me segurarem, mamãe não dizer nada para me defender, papai marcar com você esta consulta hoje, Seu Psiquiatra.

# PESCARIA

18/12/2018

Eles vêm todas as férias de julho, aqui, para o interior de Alagoas.

Eu já não trabalho mais na usina, desço lá de vez em quando, e me sujo todo de graxa só para ver se a moenda está funcionando bem.

Eles chegam umas nove horas da manhã – devem ter saído bem cedo de Maceió, apesar da estrada esburacada.

João é o filho homem mais velho do segundo casamento – com Maria Tereza. João casado com Rosilda – uma morena bonita do sorriso de colar de pérolas. Eles têm duas meninas, Patricia e Luciana, e Rosilda está grávida de um menino, que levará o meu nome, José.

Eles chegam. Os abraços. A ternura de uma família que eu quero muito bem. Falam com a avó. Dão-lhe beijinhos. Eu chamo as crianças para irmos logo para o açude, senão não veem o jacaré.

O jacaré é uma história que eu conto para elas não entrarem na água do açude e não acontecer um acidente. Não existe jacaré algum. Mas Patricia, com a imaginação fértil, afirma de pé junto que viu sim um jacaré na última pescaria, e que ele falava como o lobo mau de Chapeuzinho: “Que boca enorme você tem, Seu Lobo!” “É para lhe comer melhor!” E Patricia corria assustada para perto de mim.

Eu coloco a minhoca no anzol das varas de pescar. Aguardamos. Muito tempo. Pescamos algumas piabas. Voltamos para casa. Ensino as meninas como limpar as escamas, tirar as tripas e fritar bem sequinhas as piabas.

Nos degraus da cozinha mesmo sentamos e comemos as piabas com fava – um feijão-verde bem grande –, tudo junto e amassadinho.

Patricia me chama para a varanda depois do almoço improvisado. Ela pede para ouvir a história da corujinha e os filhotes mais lindos do

mundo, que de tão feios são comidos pelo gavião. Conto sempre a mesma história, mas ela não cansa de escutar.

– Mais uma vez, vovô!

Um dia, Patricia escreverá nossa história, publicará em um livro. Será que eu estarei lá?

# ESPÍRITO

18/12/2018

- Quem você veio procurar?
- O meu pai, José Felizberto da Silva.
- O que ele fazia?
- Era pedreiro de construção.
- Trabalhava para alguém famoso?
- Que eu saiba, não.
- Algum político? Jogador de futebol? Ator de televisão?
- Acho que não.
- Então, fica por R\$ 300,00.
- Nossa! Por que tão caro?
- É porque, assim tão desconhecido, fica difícil de encontrar no meio da multidão de espíritos.
- Nem se ele tiver feito algo heroico?
- Como assim?
- Ele uma vez salvou um menino que ia se afogando na praia porque se perdeu da mãe.
- Ah, banal. Todo mundo salva criancinhas.
- Outra vez, ajudou uma velhinha a levar as sacolas de feira para casa. E olha que eram três sacolas grandes e ela morava a uns cinco quarteirões do supermercado.
- Piegas. Não emociona um leitor.
- Mas tem uma história que, tenho certeza, irá emocioná-lo, Seu Guru.

- Ah, é? Que história?
- A história de uma moça chamada Laura que meu pai levou para o hospital toda machucada, sangue entre as pernas, olho roxo, lábio inchado, depois de ter sido atendida aqui no Centro Busca de Espíritos.
- Como era mesmo o nome do seu pai, meu rapaz?

# AZUL

18/12/2018

Acordei um dia no meio do nada e tudo ao meu redor estava azul.

Não havia chovido na véspera. Que eu soubesse, não havia explodido uma bomba atômica nem havia sido lançada uma nova moda.

Resolvi investigar. Vesti a calça e a camisa azul, lavei o rosto e enxuguei com a toalha de mesma cor. Lavei os dentes e parecia que havia comido aquela frutinha, açaí, por causa da cor do dentífrico. Evitei olhar o café para não me causar repulsa, e não falei para a esposa que o batom estava com a nova cor.

Cheguei ao trabalho, e todos padronizados, pareciam saídos do livro de Aldous Huxley. Fui para a minha mesa e não conseguia distinguir papel novo de papel velho, porque agora não eram mais amarelados.

Resolvi marcar o oculista para as três da tarde, e disse para o chefe que não estava me sentindo bem; ele aceitou me dispensar.

Saí sem rumo para fazer hora até a consulta do oculista. No parque, as árvores não eram mais verdes. O lago era azul cristalino e dava vontade de beber até matar a sede toda. Mas resolvi me afastar por causa de um casal de velhinhos que me olhava de maneira assustada.

Do parque, segui até a praia, a água do mar azul cristalina, mas agora, água salgada. Tomei uma água de coco, sem olhar para o canudinho, lembrando a tarefa de Ciências da minha filha informando o mal que o canudo faz para a natureza – um plástico que não se acaba mais.

Na porta do oculista. O coração batendo rapidamente, pensando se ele iria dizer que era doença grave, que eu tenho poucos meses de vida, que...

– Ah, não é nada, Seu Jabor! O senhor deve ter trocado as lentes de contato com as azuis da sua esposa, que veio aqui apanhar outro dia!

# CASAMENTO

19/12/2018

Em uma sociedade nem tão distópica assim, Ana e Ângela se casaram escondido.

Pais, mães e uns amigos mais próximos que apoiavam a causa de casamento entre iguais.

Não sabiam o que aconteceria nos próximos meses. Então, tratariam de engravidar logo Ana para poderem ser mães antes da Nova Lei.

Era tudo muito rápido: se conheceram na internet, marcaram o primeiro encontro na boate gay, primeiro beijo, sexo bom no mesmo dia, e no mesmo mês já moravam juntas.

Quando viram que a Nova Lei se aproximaria, recorreram ao juiz de paz conhecido e marcaram o casamento. Mesmo com apenas seis meses de namoro. Mesmo com as dúvidas de Ana se era isso mesmo o que queria, namorar e casar para sempre com uma igual no gênero.

Porque quando estavam nuas, uma diante da outra, era como se olhar no espelho. Ao tocar o bico do seio de Ângela sentia o próprio seio intumescer, sentia do sexo escorrer o líquido fértil e poderoso, que permitiria Raul semear espermatozoides e gerar para elas Beatriz.

Mas não queria de maneira artificial. Ana sentia um calor quando o amigo de faculdade Raul se aproximava, e nela despertava uma estranha atração. Ela que sempre gostou de meninas, sentia o bico do seio intumescer quando o braço de Raul roçava o seu, sem querer, durante a aula de Cálculo Diferencial, a integral de  $x$  e  $y$  se perdia, e era preciso começar tudo novamente.

Volta ao dia do casamento. Ana de noiva, com véu e buquê de astromélias roxas, o vestido branco da mãe lhe serviu direitinho, e Ana caminhou devagar até Ângela e o juiz de paz conhecido, e Raul olhando

para Ana como se fosse o noivo também, Ana casando com ele também, imaginando os três na cama, Ana, Ângela e Raul, na lua de mel antecipada pela Nova Lei, os três juntos fazendo uma bebezinha.

# A LISTA

19/12/2018

Tomar café rapidinho.

Levar a cachorrinha para passear.

Fazer a feira de frutas, legumes.

Consertar a pia do banheiro.

Ligar para mamãe e contar como foi a prova.

Colocar a roupa para lavar na máquina.

Levar a cachorrinha para passear de novo.

Passar, na volta do passeio com Poly, na padaria, e pedir da calçada, pois o padeiro não deixa Poly entrar, aquele pão de coco que eu gosto tanto.

Lanchar pão de coco, rechear com requeijão, beber leite com Nescau.

Ligar para Sérgio, como se quisesse saber como foi a prova, mas na verdade é só para ouvir a voz dele.

Ficar uma hora com Sérgio ao telefone, e na rádio toca Oceano, de Djavan.

Tomar banho demorado...

... escovar os dentes...

... hidratante no corpo...

... lavanda atrás das orelhas...

... e nos pulsos...

... me vestir...

... e ir à universidade tentar me encontrar com Sérgio, para vermos juntos, os dedos cruzados, o frio na barriga, a lista da seleção de doutorado.

# O SONHO

19/12/2018

Sonhou que trabalhava numa fábrica. Cada dia, ela e as outras funcionárias produziam um livro novo.

Seria preciso escrever muitas histórias por dia para o livro tomar corpo, mas histórias consistentes, senão escorreriam feito água.

O problema de Flávia seria sempre querer contar a mesma história. Então a dividiria em pedacinhos e os entregaria para a editora-chefe, um capítulo como se fosse um conto. A cada dia.

Elas dormiriam na fábrica, as funcionárias. Não saberiam quando o sol nascia, quando a noite caía, porque não haveria janelas. E as janelas facilitam muito a criação.

Pois quando se empaca no texto, coloca-se o personagem para olhar pela janela, descrever a paisagem lá de cima, a moça que se apaixona só de ver passando um rapaz lá embaixo. Sem janelas para fora, seria preciso mergulhar em si.

E Flávia muitas vezes não gostando do que veria nesses mergulhos. Medo, incompreensão, raiva das ideias perdidas que não voltariam mais, personagens tão redondos, mas que, por ela não acreditar, cairiam no esquecimento.

Um barulho começaria baixo e iria aumentando até o insuportável. As funcionárias olhando entre si, olhando para Flávia, porque ela seria a culpada.

Mesmo sendo domingo, deixou ligado o despertador para bem cedo, nem teria entregado o capítulo do dia para a editora-chefe.

# GUEIXA

19/12/2018

Kim passeava pelas ruas de Tóquio, a neve caindo aos pouquinhos. Levava a sombrinha cor-de-rosa da mãe que havia sido gueixa um dia.

E a mãe da mãe também. Era a tradição da família, de geração em geração. Como recusar uma tradição tão pesada?

Aprendeu as danças, os costumes, diminuiu o tamanho dos sapatos. Mas algo não cabia em si. Algo se movimentava das entranhas para os pulmões.

Um dia, desviou-se do caminho da escola para gueixas e entrou na tenda do circo. Era um circo novo na cidade e não havia animais. Malabares, equilibristas, palhaços e mágicos. Havia uma vaga para bailarina.

Os pés de Kim, de tão apertados, cabiam nas sapatilhas de ponta, e resolveu experimentar, resolveu rodopiar nas tábuas armadas do palco sem ao menos sentir dor.

Quando viu, seus pés não lhe obedeciam mais, não foi à aula naquele dia, nem nos posteriores. Falou com o dono do circo, que usava cartola, explicou a situação, ele entendeu o que ela dizia.

As gerações de gueixas poderiam esperar, poderiam aguardar outra sucessora, enquanto Kim se apresenta, daqui a pouco, dançando o Quebra-Nozes, ao lado de Tatsuo-San.

# TERRA

20/12/2018

Joana arava a terra como se arasse a si mesma. Retirava ervas daninhas, pedras, galhos de árvores trazidos pelo vento. Joana arava, e as outras mulheres da fazenda também.

Plantavam naquele dia sementes de girassol, na esperança de que a chuva suave viesse e encontrasse a terra fértil, apesar das tempestades esporádicas que arrastaram os sais minerais ou das secas eternas queimando as vitaminas. A terra agora estava sozinha para fazer o seu trabalho.

Na cozinha da fazenda havia poucas iguarias, porque a colheita passada não fora abundante. Comiam o que restava, batatas velhas e ressecadas, tomates sem sucos nem sementes, mas que ainda guardavam um gosto de juventude.

No dormitório, cabiam trinta camas. Cada uma com a sua pequena mesa de cabeceira. Ali, Joana fazia o santuário, com toalhinha de renda, terço e a imagem de Nossa Senhora da Conceição. Muitas das outras mulheres eram ateias, agnósticas ou não acreditavam em mais nada.

Joana acreditava que ainda encontraria os filhinhos perdidos. Rezava todos os dias para que estivessem bem nas prisões de crianças. O filho estaria na prisão só de meninos; a filha, na só de meninas.

E então se acalmou. Rezando, imaginou que estavam de volta para casa, que o marido chegaria daqui a pouco da universidade onde ambos lecionavam, e os dois conversariam como foi o dia. Enquanto estivessem fazendo juntos o jantar, brincariam com as crianças, porque era dia Sem Telas – de celular, computador, televisão –, e comeriam a refeição abundante servida agora na mesa da sala: sopa de legumes, panquecas de lentilhas, milho cozinhado, suco de acerola sem açúcar e um manjar de coco de sobremesa.

# ÁGUA

20/12/2018

Sempre se imaginou sereia, e acreditava que nasciam escamas na própria pele.

Praticou natação. Foi campeã duas vezes nos jogos olímpicos da escola.

Os pais escolheram o cruzeiro no Caribe por causa de Letícia. Ela, que gostava tanto de água, ela, que era filha única e faria quinze anos.

Ficaram numa cabine junto à dela, e acompanhavam cada atividade da menina como se fossem espectadores de televisão. Ela venceu o Torneio de Mergulho por Mais Tempo, a Caça às Moedas Espanholas no Fundo da Piscina Central, a Prova de Nado Borboleta vestida com o maiô furta-cor.

A noite do grande baile. Letícia arrumou o cabelo e fez a maquiagem com a mãe. O vestido verde, a cauda longa – pareciam umas escaminhas na ponta?

Entraram no salão de festas. O pai à esquerda, Letícia, a mãe à direita, os três enlaçados. Dançou com o pai umas cinco músicas, e ficou observando-o dançar com a mãe, até escutar uma voz vindo lá de fora do salão.

No princípio, a voz chamava baixinho – “Letícia, Letícia”. Depois, parecia que falavam no alto-falante, mas só ela escutava. Os pais continuavam dançando, despreocupados, os rostos róseos e tranquilos.

Letícia resolveu investigar. Saiu para o deque. Foi até a balastrada do navio. Olhou para o mar transparente do Caribe.

O comissário-geral disse que viu Letícia retirando os sapatos e pulando na água. Foi tudo muito rápido.

# FOGO

20/12/2018

Trabalhar como bombeiro não é fácil. Apagar o fogo dos outros, enquanto a si mesmo consome em pó, não é para qualquer um.

Jonatas resolveu aceitar o desafio e entrar na casa em chamas, apesar de muito perigoso. Ele sabia haver uma criança de colo e também uma velhinha. Lembrou-se de Ana Clara, que deixara no berço pela manhã, e da mãe Elisa, internada no asilo.

“Vou levar Ana Clara para visitar a avó” – subindo a escada do carro de bombeiros.

“Mas Lúcia vai implicar com a minha mãe” – abrindo com um pano molhado a janela do quarto da criança de colo.

“Vou conversar com Lúcia e contar a minha história” – a bebê está viva! Graças! Entrega a bebê para Juliano e que ele desça pela escada do carro de bombeiros.

“De que eu e meus irmãos internamos nossa mãe por engano” – volta à casa em chamas e tenta não respirar a fumaça.

“Mamãe ainda é sadia, mas muito rabugenta” – procura o quarto da velha senhora.

“Vivia implicando com as noras, então resolvemos interná-la” – chega à porta do quarto da velhinha.

“Mas eu me arrependo, porque era boa comigo” – abre a porta devagar.

“Espero que não seja tarde para um recomeço” – a velhinha está deitada na cama, quietinha, serena, a face plácida. Parece estar dormindo.

# AR

20/12/2018

Sem pensamentos.

A cabeça vazia por uns instantes que parecem eternos. Por uns instantes não lembro meu nome, onde estou, quem eu sou, o que estou fazendo aqui na cabine de comando do avião.

Desde pequeno, desejava riscar os céus com um avião. Meus pais notaram o sonho e me matricularam numa escola de voo. Mas não queriam que eu fosse para guerras porque sou filho único.

Conheci Serena na escola de voo. Morena. Bonita. Inteligente. Namoramos escondido, porque o professor não podia saber que fazíamos juntos os exercícios de casa. Juntos e nus.

Ela era boa de cama, e na cama do quarto e cozinha da pensão que eu morava fazíamos estripulias. Silenciosos, apesar da vontade imensa de rir.

O curso acabou. O namoro se transformou em casamento e tivemos dois filhinhos. Rico e Gabriel. Cresceram em estatura e inteligência.

Até o médico me ligar dizendo que Gabriel tem um tumor no cérebro e precisamos investigar se é benigno ou maligno.

A cabeça vazia por uns instantes que parecem eternos, e não lembro meu nome, onde estou, quem eu sou, o que estou fazendo aqui na cabine de comando do avião.

E o resultado dos exames de Gabriel que resolvi abrir há poucos instantes, em pleno voo.





\* *Patricia Gonçalves Tenório* (Recife-PE, Brasil, 1969) escreve prosa e poesia desde 2004. Tem doze livros publicados: *O major – eterno é o espírito*, 2005, biografia romanceada, Menção Honrosa no Prêmios Literários Cidade do Recife (2005); *As joaninhas não mentem*, 2006, fábula, Melhor Romance Estrangeiro da Accademia Internazionale Il Convivio, Itália (2008); *Grãos*, 2007, contos, poemas e crônicas, Prêmio Dicéa Ferraz – UBE-RJ (2008); *A mulher pela metade*, 2009, ficção; *Diálogos*, contos, e *D’Agostinho*, poemas, 2010; *Como se Ícaro falasse*, ficção, Prêmio Vânia Souto Carvalho – APL-PE (2011), lançado em novembro de 2012. Em 2013, recebeu o Prêmio Marly Mota, da União Brasileira dos Escritores – RJ, pelo conjunto de sua obra, e lançou em Paris *Fără nume/Sans nom*, poemas, contos e crônicas em francês e romeno, pela editora romena Ars Longa. Em 2016 lançou pela editora espanhola Mundi Book Ediciones, *Vinte e um*, uma coletânea bilingue de vinte e um contos escritos entre novembro de 2011 e janeiro de 2014. Em outubro de 2017 recebeu o Primo Premio Assoluto por *A menina do olho verde* (2016) da Accademia Internazionale Il Convivio, traduzido para o italiano por Alfredo Tagliavia e publicado pelo IPOC – Italian Paths of Culture. Defendeu em 17 de setembro de 2015 a dissertação de mestrado em Teoria da Literatura, linha de pesquisa Intersemiose, na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, *O retrato de Dorian Gray, de Oscar Wilde: um romance indicial, agostiniano e prefigural*, sob a orientação da prof. dra. Maria do Carmo de Siqueira Nino, publicada em 2016 pela Novas Edições Acadêmicas/OmniScriptum GmbH & Co. – Saarbrücken, Alemanha. Defendeu em 8 de outubro de 2018 a tese de doutorado em Escrita Criativa no Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) “*Doze horas: O mito individual em uma autobiocção*”, sob a orientação do prof. dr. Luiz Antonio de Assis Brasil, publicada como *12 horas*, juntamente com *7 por 11* (seleção dos livros anteriores), *13* (contos), *14* (poemas) e *15* (ensaios) em novembro de 2019. Contatos: [patriciatenorio@uol.com.br](mailto:patriciatenorio@uol.com.br) e [www.patriciatenorio.com.br](http://www.patriciatenorio.com.br)

Este livro foi composto na fonte  
Times e Minion Pro, impresso  
em papel pólen bold 70g,  
na gráfica Provisual,  
Recife, Maio de 2019